



Júlio César de Macedo Souza

**Princípios patrísticos de carisma e
planejamento estratégico para as mantenedoras
e escolas cristãs**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Rodrigues da Silva

Rio de Janeiro
Abril de 2023



Júlio César de Macedo Souza

**Princípios patrísticos de carisma e
planejamento estratégico para as mantenedoras
e escolas cristãs**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

André Luiz Rodrigues da Silva

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Francilaide de Queiroz Ronsi

PUC-Rio

Alexandre Carvalho Lima Pinheiro

Santuário Cristo Rendentor

Rio de Janeiro, 04 de abril de 2023.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, da orientadora e da universidade.

Júlio César de Macedo Souza

Graduou-se em Teologia pela Unisal, Campos Pio XI em 2009. Especializou-se em Educação com ênfase no Ensino de Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano - SP (2015). Atualmente, exerce a função de consultor especialista para redes confessionais pela Editora FTD Educação. Durante o Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral foi bolsista da CAPES.

Ficha Catalográfica

Souza, Júlio César de Macedo

Princípios patrísticos de carisma e planejamento estratégico para as mantenedoras e escolas cristãs / Júlio César de Macedo Souza; orientador: André Luiz Rodrigues da Silva. – 2023.

92 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2023.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Carisma. 3. Mantenedoras. 4. Planejamento estratégico. 5. Gestão. 6. Escolas cristãs. I Silva, André Luiz Rodrigues da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

À minha amada esposa Amanda Ferreira de
Oliveira Souza, pelo apoio, companheirismo e
amor.

Agradecimentos

À Providência Divina, sem a qual não seria possível a realização deste estudo.

À minha esposa, Amanda Ferreira de Oliveira Souza, que com amor, perseverança e paciência me apoiou e incentivou neste processo de pós-graduação, além de contribuir com a tradução dos textos.

Ao meu pai Paulo Rolim de Souza, por me transmitir a fé e os ensinamentos de Cristo, que me trouxeram até aqui.

À minha saudosa mãe, Conceição Aparecida de Macedo Souza, que do céu intercede por nós.

Às minhas irmãs Juliana de Souza Silva, e seu esposo Luciano Silva, e Paôla de Souza, pelo carinho e apoio.

Aos meus sogros, Levino Neto Sobreira de Oliveira e Claudenice Ferreira de Oliveira e minha cunhada Giovanna Ferreira de Oliveira pelos incentivos e orações.

A meus cunhados Hellen Morris e Jay Morris pelo apoio em algumas traduções.

Ao orientador Prof. Dr. André Luiz Rodrigues da Silva por sua dedicação, motivação, e contribuição nos estudos.

À PUC-Rio e à CAPES, que subsidiaram esse estudo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Aos professores do departamento de teologia e demais colaboradores pela dedicação e serviços prestados.

À Professora Marly Lombardi pelo apoio significativo na revisão ortográfica e gramatical.

Ao meu amigo Dom Vicente Costa, bispo diocesano de Jundiaí, pelo seu testemunho e incentivo aos estudos.

Aos queridos Prof. Dr. Frei Nilo Agostini e Prof. Dr. Mathias Grenzer pelo incentivo e apoio.

Aos familiares, amigos e irmãos de comunidade que me apoiaram e rezaram por mim.

Aos queridos amigos Pe. Adriano Pinheiro, Pe. Fábio, Igor Cutis, Leonardo Santana, Elza Ferreirta da Cruz, Joséfa Alves e Luciene dos Santosque trilham essa jornada comigo.

À Editora FTD Educação, pelo apoio, compreensão e incentivo.

À todas as pessoas que por amor ao Reino de Deus se dedicam à Vida Religiosa Consagrada.

Resumo

Souza, Júlio César de Macedo; Silva, André Luiz Rodrigues da (orientador). **Princípios patrísticos de carisma e planejamento estratégico para as mantenedoras e escolas cristãs**. Rio de Janeiro, 2023. 92p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A crise econômica e a pressão do mercado, muitas vezes, impõem decisões estratégicas contrárias aos princípios mantenedores das instituições confessionais, levando seus gestores a contratar parcerias indesejáveis por não corresponderem aos princípios cristãos. Esse contexto exige das mantenedoras uma gestão qualificada, com indicadores, estratégias, e planejamentos bem claros e definidos, fundamentados em sua identidade e em comunhão com seu carisma. Para alcançar este objetivo, a presente pesquisa se fundamentou na literatura patrística sobre os princípios de carisma e suas origens, para contemplar, com maior clareza, a essência de sua identidade e apoiar essas instituições, tendo em vista sua perenidade missionária. Apresenta-se a Metodologia C.H.A.V.E. que inclui a espiritualidade como parte imprescindível no processo da gestão e a mistagogia, também como método que, aplicado à gestão, contribui com a compreensão da identidade, gerada pelo carisma da espiritualidade e da missão dessas instituições. Por fim, no desenvolvimento da pesquisa, contempla-se a relevante abrangência teológica e sua interação com a ciência da gestão.

Palavras-chave

Carisma, dons, planejamento estratégico, identidade, gestão, mantenedoras, escolas cristãs, mistagogia, teologia.

Abstract

Souza, Júlio César de Macedo; Silva, André Luiz Rodrigues da (orientador). **Patristic principles of charisma and strategic planning for Christian maintainers and schools.** Rio de Janeiro, 2023. 92p. Master Thesis - Department of Theology. Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

The economic crisis and the market pressure, often, impose strategic decisions contrary to the principles that maintain confessional institutions, leading their managers to hire undesirable partnerships, for not corresponding to Christian principles. This context, requires the maintainer a qualified management, with very clear and defined indicators, strategies, and plans grounded in its identity and in communion with its charisma. To reach this goal, the research was based on the patristic literature about the principles of the charism and its origins, to contemplate with more clarity, the essence of its identity and support these institutions, in accordance to their missionary enthusiasm that lasts till nowadays. The research shows the " C.H.A.V.E. " methodology, which includes spirituality as an indispensable part of the management process and mystagogy, also as a method that, applied to management, contributes to the understanding of the identity generated by the charism, spirituality and mission of these institutions. Finally, the development of the research, shows the relevant breadth of theology and its interaction with the science of the management.

Keywords

Charisma, gift, strategic planning, identity, management, maintainers, Christian schools, mystagogia, theology.

Sumário

1.	Introdução	11
2.	Carisma, ordens e serviço no processo da formação da identidade cristã antiga	15
2.1	Noção de carismas e dons na literatura patrística pré-nicena	15
2.2	Organização dos ministérios eclesiais a partir do século IV	19
2.3	Identidade eclesial e serviço	22
2.3.1	Pastor de Hermas	22
2.3.2	Justino Mártir	25
2.3.3	Cipriano de Cartago	27
2.3.4	São Clemente de Alexandria – O Pedagogo	30
2.3.5	Santo Agostinho e o trabalho dos monges	33
2.3.6	Cirilo de Jerusalém	36
3.	A identidade das escolas cristãs e sua contribuição na formação integral da pessoa humana	39
3.1	Comunidade escolar: discipulado a serviço da pessoa humana	39
3.2	Princípios fundamentais da educação cristã	41
3.2.1	Natureza da educação cristã e seus objetivos axiomáticos e imediatos	41
3.2.2	A unidade da Santíssima Trindade: modelo perfeito para a comunidade educativa cristã	42
3.2.3	O Magistério vivo da Igreja e sua contribuição para a educação no processo de formação integral da pessoa humana	44
3.3	Mudança de época e sua resignificação pela educação cristã	47
3.3.1	O impacto do progresso científico e da inovação tecnológica	47
3.3.2	Resignificação a partir do Projeto Político Pedagógico e do currículo evangelizador das escolas cristãs	50
3.3.3	Iniciativas institucionais eclesiais e privadas de apoio às escolas cristãs	54
3.3.4	Pacto Educativo Global: uma resposta às crises e oportunidades desta mudança de época	58
3.3.5	A relação teológica entre a educação confessional católica e a	

gestão	60
4. O carisma e o planejamento estratégicos das e nas mantenedoras	65
4.1. A identidade dos carismas no processo de formação do planejamento estratégico das mantenedoras	65
4.1.2. Voltar às origens	66
4.1.3. Diversidade dos carismas	67
4.1.4. O sustento das mantenedoras	70
4.1.5. Planejamento, missão e gestão	71
4.2. Mistagogia para a gestão das mantenedoras	76
4.3. A contribuição teológica para as mantenedoras e escolas cristãs	80
5. Conclusão	83
6. Referências bibliográficas	85

Lista de Abreviaturas e Siglas

I Apol.	I Apologia
II Apol.	II Apologia
ANEC	Associação Nacional de Educação Católica
CIC	Código de Direito Canônico
CIEC	Confederação Interamericana de educação católica
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DA	Documento de Aparecida
Diál.	Diálogo
DV	Constituição dogmática <i>Dei Verbum</i>
EG	Exortação apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
GE	Declaração <i>Gravissimum educationis</i>
GS	Constituição pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
LG	Constituição dogmática <i>Lumen Gentium</i>
Laps	Os lapsos
LS	Carta encíclica <i>Laudato Si'</i>
VC	Exortação apostólica <i>Vita Consecrata</i>
UR	Decreto <i>Unitatis redintegratio</i>

1

Introdução

A mudança de época que atravessamos, apesar de nos proporcionar significativos avanços científicos e tecnológicos, ao mesmo tempo, tem acarretado novos desafios em todos os âmbitos da vida humana. Em plena era do conhecimento e da informação, a alegria da vida se desvanece, crescem a falta de respeito, a violência e a desigualdade social, propaga-se em toda parte a cultura do descarte e o avanço de uma economia que mata¹. É nessa realidade contrária ao desígnio de Deus² que as mantenedoras³ da vida religiosa consagrada, na variedade de seus carismas e instituições⁴, são chamadas a testemunhar com vigor e profecia⁵ o amor do Cristo Redentor e a manifestar na história humana a História da Salvação⁶, partilhar as riquezas dos bens celestes, a cultura da vida fraterna, do amor e o Reino de Deus⁷ e propagar a Alegria do Evangelho⁸.

Essa atual conjuntura, em toda sua complexidade, principalmente em escala global, tem sido um grande desafio para os religiosos. Em uma sociedade em crise de propósitos e valores, há quem, que com astúcia, se aproveita da falta de conhecimentos e habilidades gestoras de muitos missionários que, por amor à vida religiosa, se obrigam, muitas vezes, a aceitar cargos de gestão no desejo de manter com legitimidade as obras herdadas de seus fundadores, mas acabam enganados por esse inimigo que, com estratégias cada vez mais gananciosas, em vista de lucros fáceis, apresenta planejamentos estratégicos eficientes e atrativos, do ponto de vista comercial, mas que, no entanto, destoam dos princípios e propósitos institucionais, principalmente de seus valores e missão, colocando em risco a perenidade missionária dessas instituições, inclusive sua integridade.

Em um encontro voltado a empresários católicos, convocado pelo Cardeal Peter Turkson, o Papa Francisco, em 2016, chamou

¹ EG, 52-53.

² EG, 2.

³ Entende-se por mantenedoras as instituições de vida religiosa consagrada responsáveis por manter e administrar obra sociais, instituições de ensino, hospitais entre outros empreendimentos.

⁴ VC, 2.

⁵ VC, 85.

⁶ VC, 1.

⁷ LG, 44.

⁸ EG, 1.

a atenção para três riscos que devem ser assumidos por eles: o risco do bom uso do dinheiro, o risco da honestidade e o risco da fraternidade. Essa exortação aos empresários também deve se aplicar às mantenedoras e escolas cristãs que, expostas a um contexto mercantil, capitalista, muitas vezes hostil e indiferente à sua identidade, são enviadas como ovelhas entre lobos e desafiadas, pelo próprio Cristo, a agir com prudência e simplicidade, a prudência das serpentes e a simplicidade das pombas. Simples, para evitar o mal e prudentes, para discernir as emboscadas de um inimigo cheio de astúcia que rasteja sem ser visto e ainda, aprisiona os homens com enganos velados e ocultos⁹.

Pretende-se com esta pesquisa identificar os “sinais dos tempos” (Lc 12,56; Mt 16,3) e aprofundar os princípios patrísticos do carisma e da espiritualidade para prevenir, vigiar e discernir as emboscadas desse inimigo astuto, voltar às origens e procurar caminhos de reflexões que apoiem e fortaleçam os planejamentos estratégicos das mantenedoras e escolas cristãs em vista de sua perenidade missionária. Ao nos propormos revisitar esses princípios patrísticos, sua amplitude e multiplicidade, procura-se trazer à luz a essência carismática que mantém viva a identidade dessas instituições e, aplicá-la como elemento base, fio condutor e conexão entre os planejamentos estratégicos institucionais com os propósitos fundacionais dessas instituições, em vista da resignificação da atual conjuntura que as interpelam. Para tanto, contar-se-á com o apoio da literatura patrística – que enriquecerá a compreensão da identidade cristã primitiva, base fundamental para o desenvolvimento de nossa pesquisa – e com o recurso da mistagogia, para aprofundar a compreensão acerca do carisma, da espiritualidade e da missão dessas instituições.

Prevenir, vigiar e discernir significa compreender o caráter empresarial da gestão nas mantenedoras e escolas cristãs, assumir esse conceito e, inclusive, os negócios em que estão inseridas. A gestão empresarial compõe o cotidiano dessas instituições, e a clareza de seus objetivos se faz necessária na prevenção, no cuidado e no discernimento a que nos referimos. Assumir o aspecto empresarial não significa, em hipótese alguma, adotar um posicionamento capitalista e meramente mercantil, mas consiste no comprometimento integral da instituição, ou seja,

⁹ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 7, tradução nossa.

assumir seu compromisso identitário, carismático e missiológico¹⁰. Apesar de significativo, o caráter empresarial não deve ser interpretado como um elemento qualificador para as mantenedoras e escolas cristãs, muito menos ser assumido como um fim em si mesmo, mas como um meio, uma ferramenta a favor do carisma que, aplicado à gestão das escolas, dos hospitais e tantos outros institutos, irá corroborar com sua missão mantenedora¹¹.

Entre as frentes missionárias das mantenedoras, escolhemos as escolas cristãs por um motivo singular: sua finalidade na formação integral da pessoa humana. Procurou-se revisitar a identidade das escolas cristãs e sua significativa contribuição às famílias, à Igreja e à sociedade, frente às interpelações e embates que a presente mudança de época nos impõe. No exercício de seus deveres, a família, a sociedade e a Igreja, constituem, em sua essência, uma autêntica comunidade educativa¹². Uma verdadeira Aldeia que educa, como descreveu o Papa Francisco ao convocar a sociedade global para a reconstrução do pacto educativo¹³. No exercício de seu *munus docendi*, interpeladas pela alegria do Evangelho¹⁴, mediante a assimilação sistêmica e crítica da cultura¹⁵, as escolas, principalmente cristãs, além da família e da Igreja, são lugares verdadeiramente oportunos para a transformação social que almejamos.

Identifica-se nesse contexto um terreno de oportunidade à teologia¹⁶, que pode favorecer um novo espaço a tantos leigos e leigas que, vocacionados aos estudos teológicos, podem encontrar a oportunidade que tanto desejavam e atuar, não somente como docentes da área, mas também como assessores, consultores e especialistas na prestação de serviços a essas instituições¹⁷. Com a ampliação do campo da atuação teológica, muitas instituições poderão encontrar o apoio de que precisam, desde recursos pastorais até a ciência da gestão, como se deseja demonstrar. O Documento de Aparecida valoriza essa incentivo e reforça a

¹⁰ MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p 85-87.

¹¹ MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p 85-87.

¹² BRASIL, Constituição (1988), art. 205; art. 227; art. 229; CIC 795.

¹³ Francisco, P.P. Discurso: Encontro “Religiões e Educação: Pacto Educativo Global”. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.html>> Acesso em: 22 mai. 2022.

¹⁴ EG, 1-3.

¹⁵ DA, 329.

¹⁶ DA, 124.

¹⁷ CAPES AREA 44, p. 5. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

necessidade de fomentar estudos e pesquisas teológico-pastorais frente aos desafios atuais vivenciados pela evangelização¹⁸.

Objetiva-se, portanto, a partir da teologia, oferecer uma contribuição qualitativa à missão das mantenedoras e escolas cristãs. Entende-se que a interdisciplinaridade teológica, sua natureza eclesial, sua base conceitual e seus saberes, suas áreas de concentração e linhas de atuação e pesquisa tanto quanto suas aplicações acadêmicas e profissionais, irão beneficiar a gestão dessas instituições e agregar valores relevantes a tantos vocacionados que almejam um espaço de trabalho neste terreno aberto de oportunidades, que é a teologia¹⁹

¹⁸ DA, 344-345.

¹⁹ DA, 324-325

2

Carisma, ordens e serviço no processo da formação da identidade cristã antiga

2.1

Noção de carismas e dons na literatura patrística pré-nicena

Após o martírio de Estevão, os discípulos que conseguiram escapar da tribulação se espalharam entre as regiões da Fenícia, Chipre e Antioquia e não demorou até que a notícia se espalhasse por toda a região e chegasse até a Igreja em Jerusalém, motivo pelo qual decidiram enviar Barnabé até a Antioquia. Ao chegar, logo presenciou a graça de Deus por ali, exortou a todos os novos seguidores de Cristo a permanecerem fiéis e se dirigiu a Tarso, à procura de Saulo, para levá-lo consigo para a Igreja de Antioquia, onde conviveram por um ano, ensinaram uma numerosa multidão e, junto à comunidade reunida receberam, pela primeira vez, o nome de cristãos (At 11,19-26). Em suma, o serviço manifestou a identidade cristã. Não um serviço qualquer, mas o serviço carismático, no sentido estrito do que é carisma, um serviço que se origina na graça, (κάρις)²⁰, serviço de verdadeira comunhão que manifesta o Mistério Pascal de Cristo presente naqueles discípulos.

Os carismas são apresentados pelo Novo Testamento como dons que provêm do mesmo Espírito (1Cor 12,4), manifestam a graça divina (1Pr 4,10; Rm 5,15.16; 6; 23; 1Cor 7,7; 2Cor 1,11) e podem ser classificados em duas categorias: extraordinários e ordinários. A primeira, não corresponde a nenhuma função hierárquica, como falar em línguas, fazer milagres, ou realizar curas (1Cor 12,10); a segunda, abrange aqueles dons que possibilitam governar, assistir e ensinar (Rm 16,4-8). Esta classificação irá corroborar a compreensão dos desenvolvimentos posteriores da reflexão cristã sobre os carismas²¹.

Os Padres Apostólicos, em conformidade ao Novo Testamento, acentuam as exigências éticas derivadas do dom da graça²². Na *Didaqué*²³ e em *Pastor de Hermas*

²⁰ LACOSTE, J.Y. Carisma. In: LACOSTE, J.Y. (Org). Dicionário crítico de teologia, p. 345.

²¹ CASTAGNO, A. M. Carismi. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 865, tradução nossa.

²² FABER, E.M. Graça. In: LACOSTE, J.Y. (Org). Dicionário crítico de teologia, p. 778.

²³ RUSCONI, C. διδακή (didaqué). Dicionário do Grego do Novo Testamento, p. 130.

são observados os problemas da distinção entre o verdadeiro e falso carisma, principalmente no que diz respeito à profecia²⁴. Entre os apologistas, tanto São Justino, quanto Santo Inácio e Tertuliano ressaltam a presença de carismas entre os cristãos de seu tempo. A patrística grega desenvolveu uma doutrina da graça integrada à perspectiva universal da História da Salvação. Irineu de Lion compreendeu a graça como um acontecimento salvífico (οικονομία) pela qual Deus, num processo pedagógico (παιδεία)²⁵, leva o homem a participar da vida divina como destinado desde a criação. Neste contexto se encontrará o germe da distinção da graça original e salvadora que se cumpre na encarnação do Verbo, onde a imagem degradada de Deus se encontra restaurada e completada no homem. Sob esta perspectiva da deificação última do homem, se situa também a concepção da graça exposta por São Clemente de Alexandria e Orígenes²⁶.

Os padres orientais, embora reconhecessem a gratuidade da graça, sem, no entanto, compor um tratado específico, produziram significativas reflexões sobre a nova vida em Cristo como ação do Espírito Santo também chamado de *Charis de Deus* e suas exigências morais. São Clemente, em suas cartas, discorre sobre a graça da conversão que o sangue de Cristo trouxe ao mundo e adverte a não desconsiderar Jesus, autor da salvação; Santo Inácio de Antioquia, ao recordar a Eucaristia como penhor da imortalidade, atribui a graça a Cristo em conformidade a διδακίη (didaqué), que apresenta o caminho para a vida num contexto batismal e eucarístico²⁷; a carta a Diogneto reforça que somente pela graça de Deus os homens alcançarão a vida nova em Cristo e cumprirão suas exigências morais²⁸.

A partir do século II, os padres atestavam a crença na presença dos carismas na Igreja em seu tempo, porém, com zelo, procuravam distinguir entre os carismas ortodoxos e os carismas reivindicados pelos hereges. Para tanto, a teologia dos carismas se desenvolveu em algumas características principais, como por exemplo o *privilegium ecclesiae primitivae*; o caráter serviçal dos carismas imbuído nas pessoas pertencentes à hierarquia eclesiástica e o monaquismo como sede privilegiada dos carismas. Mais tarde, São João Crisóstomo, sobretudo inspirado

²⁴ CASTAGNO, A. M. Carismi. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 865, tradução nossa.

²⁵ RUSCONI, C. παιδεία (paidéia). Dicionário do Grego do Novo Testamento, p. 347.

²⁶ FABER, E.M. Graça. In: LACOSTE, J.Y. (Org). Dicionário crítico de teologia, p. 778.

²⁷ STUDER, B. Grazia. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 2423-2424, tradução nossa.

²⁸ CARTA A DIOGNETO, 9,1.

pela carta de São Paulo aos Coríntios (1Cor 12,7), defenderá que os carismas não são privilégios da hierarquia eclesial e do monaquismo, mas foram dispensados como dons inerentes a cada cristão pelo Espírito Santo como salvação que o único Deus comunica livremente aos cristãos através do Espírito de Cristo ressuscitado, ou seja, a livre iniciativa divina operada por Cristo, comunicada na Igreja, realizada no homem e no mundo²⁹. Não se trata de mero objeto de estudos da morfologia, mas expõe o presente, a doação, a graça do Espírito Santo que Deus Pai por meio do Filho confere aos cristãos e com o qual vivifica a sua Igreja³⁰.

Etimologicamente, a palavra dom irá se referir primeiro a uma propriedade e conseqüentemente se aplicará a transferência de uma posse, ou um bem, a doação de um presente e ainda, no âmbito cristão, a bênção, ou mesmo a graça recebida de Deus³¹. No final do século III e meados do século IV, apesar de muitas refutações cristãs e até mesmo pagãs, Constantino e sua família realizaram generosas doações à Igreja e ao clero. Este gesto era na verdade uma prática pagã da antiguidade greco-romana denominado *liberalitas*, um costume social de presentear autoridades, ou mesmo súditos, clientes e até familiares por ocasiões especiais de grandes festas. Na mesma época surgiu entre os cristãos uma prática semelhante de trocas de cartas, por ocasião das grandes festas litúrgicas como a Páscoa e o Natal por exemplo. No entanto, eles mantinham-se contrários aos hábitos ostensivos das práticas pagãs e os bispos reforçavam a importância da esmola e da caridade muito acima das trocas de presentes, e muito além da ostentação refutada pelos Evangelhos (Mt 6,2ss), pois, entendiam que o verdadeiro dom é o que vem do Espírito Santo que Deus comunica por meio de Cristo ressuscitado e com a qual faz viver a sua Igreja³².

Com base na literatura patristica, sob o aspecto salvífico e gratuito da graça livremente comunicada por Deus, ou seja, como dom que o próprio Deus deseja comunicar, além de identificar uma maior unidade dessa compreensão entre o Oriente e o Ocidente, também contribui para uma maior compreensão acerca da essência do cristianismo e maior clareza de que o tema da graça discorre sobre a

²⁹ CASTAGNO, A. M. Carismi. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 865-866, tradução nossa.

³⁰ CASTAGNO, A. M. Carismi. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 866, tradução nossa.

³¹ HOUAISS, A. Dom. Dicionário de língua portuguesa, p. 707.

³² STUDER, B. Dono. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 1506, tradução nossa.

natureza de Deus e o ápice da economia da salvação na encarnação do Filho único de Deus, destino de toda humanidade em comunhão com todas as criaturas³³.

A literatura patrística, ao demonstrar o desenvolvimento da teologia da graça, apresentará as significativas semelhanças entre os padres do oriente e do ocidente, além de contribuir para uma maior compreensão acerca da essência do cristianismo³⁴. Tertuliano, em conformidade com Irineu, trouxe para a reflexão ocidental a distinção entre imagem e semelhança (*imago et similitudo*), distinção entre o homem criado pelo Verbo e aquele aperfeiçoado pelo Espírito Santo e apresentou a encarnação do Verbo como a base necessária da perfeição última, defendeu ainda, numa análise psicológica, a liberdade humana como dom de Deus e apresentou a distinção entre natureza e graça, combateu a antítese marcionita do Deus bom e do Deus justo, orientou a teologia latina para o conceito da predestinação em que a justiça está associada à liberdade de Deus, atribuiu ao batismo o conceito de *paenitentia prima*, confirmada mais por seu discípulo São Cipriano de Cartago, que defendeu o batismo na Igreja como o único caminho para a luz, que deve ser trilhado na Igreja³⁵; Santo Hilário de Poitiers, ao tratar da liberdade humana, afirmava que o homem é aquele que dá o primeiro passo em direção a Deus que, em resposta, acolhe-o para oferecer sua ajuda³⁶; Mario Vitorino enfatizou a ação divina universal que com a misericórdia permite ao homem o alcance da salvação³⁷.

O grande defensor da fé nicena, Santo Ambrósio de Milão, extrai de Santo Atanásio a clara distinção entre a filiação divina natural do Filho único de Deus e a filiação divina dos cristãos³⁸. Mais tarde, em Hipona, sua doutrina sobre a graça alcançará plena clareza com Santo Agostinho e ganhará maior relevância, principalmente em seu constante esforço no combate ao pelagianismo³⁹. Seu

³³ STUDER, B. Grazia. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 2423, tradução nossa.

³⁴ STUDER, B. Grazia. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 2425 - 2429, tradução nossa.

³⁵ STUDER, B. Grazia. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 2427, tradução nossa.

³⁶ STUDER, B. Grazia. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 2428, tradução nossa.

³⁷ STUDER, B. Grazia. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 2427 - 2428, tradução nossa.

³⁸ STUDER, B. Grazia. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 2428, tradução nossa.

³⁹ STUDER, B. Grazia. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 2431, tradução nossa.

empenho trará à tona a questão permanente da relação entre predestinação e liberdade humana para o pensamento ocidental⁴⁰. Essa controversa, no entanto, não esgota o pensamento agostiniano, muito menos, limita a teologia patrística sobre a graça. É comum entre os Padres a utilização do termo *χάρις* e *gratia* quando se referem ao favor condescendente de Deus, especialmente a economia da salvação, entretanto, utilizam ainda uma série de expressões equivalentes como por exemplo: *eudokia* (εὐδοκία), *eunoia* (εὐνοια), *euergeresia* (εὐεργεσία), *filantropia* (φιλανθρωπία), *synkatávasis* (συγκατάβασις), para se referir ao aspecto divino, e: *pneuma* (πνεῦμα), *dýnamis* (δύναμις), *dóxa* (δόξα), *domum*, *iustitia*, para se referir ao aspecto do benefício comunicado⁴¹.

2.2

Organização dos ministérios eclesiásticos a partir do século IV

Constantes nos ensinamentos dos Apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações (At 2, 42), as primeiras comunidades dos discípulos de Cristo mantinham tudo em comum, eram solícitos uns aos outros (At 4, 32-35) cresciam e se multiplicavam (At 6,7) num só coração e numa só alma (At 4, 42); instituía-m e elegiam entre os discípulos pessoas de boa índole, para os mais variados serviços e demandas das comunidades, alguns para os serviços ministeriais ordenados, (At 6, 1-7; 13, 1-3; 1Tm 4, 12-16; 5,22; 2Tm 1,6) e outros para os serviços ministeriais não ordenados (Rm 16, 1-16; At 15, 22-29; 16,14-15.40; 18, 1-3.18), todos, porém, participantes do mesmo sacerdócio de Cristo (1Cor 12, 5; 1Tm 2,5). Com base nos escritos apostólicos, Santo Ambrósio de Milão, Santo Agostinho de Hipona e São Leão Magno, assim como Orígenes e São Clemente de Alexandria, além de considerarem o sacerdócio de Cristo como único e do qual participam tanto os ministros ordenados quanto os demais fiéis, apresentavam ainda uma distinção entre eles, distinção esta apresentada anteriormente por Justino e Tertuliano pelos termos ἀδελφοί, προεστός e διάκονοι⁴².

⁴⁰ STUDER, B. Grazia. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 2421, tradução nossa.

⁴¹ STUDER, B. Grazia. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 2421, tradução nossa.

⁴² NOCENT, A. Ordine / Ordinazione. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 3643 - 3644, tradução nossa.

Embora os Padres tenham distinguido com clareza a hierarquia ordenada em relação aos fiéis, não eram tão claros quanto à distinção entre episcopos e presbíteros. Teodoro de Mopsuéstia, em seu comentário a Primeira Carta a Timóteo, procurou demonstrar uma progressiva distinção entre episcopo e presbítero, sendo episcopos os que sucederam os Apóstolos após sua morte, e presbíteros, os responsáveis por uma província. Santo Irineu de Lion é quem, aparentemente, pela primeira vez chamará de episcopo um bispo local. No II século, Hermas e Santo Inácio de Antioquia discorrem sobre a hierarquia que sujeita os fiéis não ordenados aos ordenados, bispos, presbíteros e diáconos. O documento mais significativo que registra com maior clareza a distinção entre os ministros ordenados e não ordenados é datado do século III, trata-se da obra de Hipólito de Roma, *Traditio Apostolica*, citada posteriormente por Pseudo Dionísio no *Corpus Aeropagiticum*, em que consta preservado o ritual para ordenações mais antigo que até hoje inspira quase todas as liturgias e exerce significativa influência na legislação canônica⁴³.

No século IV, mais precisamente em 325, com a conclusão do Concílio de Nicéia, esta distinção se tornará ainda mais clara com a composição da tríade episcopo-presbítero-diácono, ministros ordenados pelo ritual da imposição das mãos, conforme descrito na *Tradizione Apostolica* de Hipólito de Roma. Hipólito de Roma atribui ao bispo o título de “sumo sacerdote” e designa ao presbítero a participação em parte neste sacerdócio, e ao diácono, o serviço ao bispo não apenas na execução da liturgia, mas para cada necessidade concreta na vida da comunidade eclesial, inclusive, apresentará uma teologia do diaconato que lamentavelmente se perderá já no século V, como testificado nos formulários para ordenação do *Sacramentario di Verona*, onde o diácono é apresentado única e quase exclusivamente como liturgo⁴⁴.

Santo Agostinho, em continuidade a seus predecessores, apresentou numerosas indicações sobre os graus hierárquicos e ritos e insiste na irrepreensível conduta moral daqueles que receberam a ordenação⁴⁵. De fato, como lembra o

⁴³ NOCENT, A. Ordine / Ordinazione. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 3643 - 3644, tradução nossa.

⁴⁴ NOCENT, A. Ordine / Ordinazione. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 3644 - 3645, tradução nossa.

⁴⁵ NOCENT, A. Ordine / Ordinazione. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 3646, tradução nossa.

Apóstolo Paulo: “quem aspira ao episcopado, boa obra deseja” (1Tm 3,1), mas engana-se quem o cobiça, exortará São Gregório Magno em suas regras pastorais⁴⁶. Uma hierarquia pautada nos aspectos éticos e morais da humildade e do serviço. Aos bispos, competem os serviços centrais como o governo das igrejas e as ordenações, eles são sucessores dos apóstolos, cujo Espírito receberam de Cristo; aos presbíteros está reservado o serviço de conselheiros e ajudantes no governo do povo, e aos diáconos, não apenas na execução da liturgia, mas para cada necessidade concreta na vida da comunidade eclesial os serviços ligados à liturgia, e outras tarefas designadas pelos bispos⁴⁷. Desde então, até o século XII cresceu uma forte clericalização e sacerdotização dos ministérios⁴⁸.

Ao longo de séculos da história cristã pode-se perceber que os ministérios passaram por diversas interpretações e aplicações cada vez mais imputadas ao clero e delineados em graus. Ao diaconato, por exemplo, ficou cada vez mais designado o caráter transitório, ou seja, uma ordem de passagem, porém, seu caráter permanente foi retomado recentemente, principalmente com o Concílio Vaticano II⁴⁹; ao presbiterato e ao episcopado, conotações mais relevantes e significativas, foram associadas maior dignidade e poderes superiores, enquanto aos demais ministérios, coube uma participação suplementar. É certo afirmar, no entanto, que nenhum dos batizados está dispensado dos serviços à Igreja, contra os quais tal dispensa poderia desfigurar naturalmente o ministério⁵⁰.

⁴⁶ GREGÓRIO MAGNO. Regra pastoral, p. 46-47.

⁴⁷ LÉCUYER, J. HEID, S. Ministeri. In: DI BENARDINO, A. (org.). Dizionario patristico e di antichità cristiane, p. 3286, tradução nossa.

⁴⁸ LAGRAND, H. Ministério. In: LACOSTE, J.Y. (Org). Dicionário crítico de teologia, p. 1146.

⁴⁹ DIACONATO EVOLUÇÃO E PERSPECTIVA. Disponível em:

<https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_pro_05072004_diaconate_po.html#CAP%C3%8DTULO_V>: Acesso em: 04.10.2022.

⁵⁰ LAGRAND, H. Ministério. In: LACOSTE, J.Y. (Org). Dicionário crítico de teologia, p. 1146 - 1147.

2.3

Identidade eclesial e serviço

2.3.1

Pastor de Hermas

Conduzidos pelas virgens⁵¹, os batizados, condicentes aos Apóstolos que permaneceram firmes na fé mesmo diante de embates e fortes tribulações⁵², compõem a Igreja Triunfante como planejado pelo Pai com o Filho na unidade do Espírito Santo desde o princípio. Assim Hermas presenteia a Igreja em todo o mundo com seus significativos ensinamentos estruturados entre visões, mandamentos e parábolas que compõem um dos mais belos apocalipses já escritos. Em sua obra ele descreve: “Deus que habita os céus, que do nada criou os seres, os multiplicou e fez crescer em vista de sua Igreja⁵³”.

O ensinamento do Pastor de Hermas nos conduz a uma série de reflexões acerca de nossa identidade e comprometimento eclesial que devem ser revelados e transmitidos no serviço que todo e qualquer cristão desenvolve no mundo e, por isso, são apresentados na estrutura retórica do Pastor como “as pedras quadradas e brilhantes que compõem a Grande Torre”, a Igreja⁵⁴.

Uma bela e grande torre construída sobre as águas, com grandes pedras quadradas e brilhantes, numa formação tão deslumbrante e harmoniosa que parecia ser feita de um único bloco⁵⁵. Com esta imagem Hermas descreve a Igreja numa belíssima e reluzente unidade em sua forma, cujo brilho revela e descreve a santidade, as grandes pedras quadradas, a apostolicidade e a sua plenitude, ou seja, a Torre, o tudo que a compõe e a rodeia, a catolicidade, as quatro notas identitárias da Igreja descritas como que numa fluida poesia, como que numa bela partitura que, na harmonia da música, envolve todos os seus ouvintes. De fato, o destino reservado aos santos é encantador, belo, atrativo, e sua qualidade inigualável revela a exigência de sua adesão. “É para todos” como tuitou o Santo Padre em 21.11.2013:

⁵¹ HERMAS, 79, 4; 80, 4 – 5 e 81, 1.

⁵² HERMAS 10, 1.

⁵³ HERMAS 1, 6.

⁵⁴ HERMAS 13, 1; 10, 4 e 11, 3.

⁵⁵ HERMAS 10, 6.

“Ser santo não é um privilégio de poucos, mas uma vocação para todos⁵⁶. Recentemente, em sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, o Santo Padre reforçou que “todos são chamados à santidade” e a “deixar que a graça do batismo frutifique num caminho de santidade”⁵⁷.

Lamentavelmente, como bem descrito por Hermas em suas visões, a proposta é para todos, mas, nem todos aderem a ela. Alguns desanimam, outros a desprezam, uns poucos se arrependem e outros muitos perseveram a qualquer custo. Em seu ensinamento, o Pastor de Hermas – ao trabalhar a imagem da Torre em construção e tudo o que a rodeia em uma cidade futura criada pelo Pai e da qual todos somos convidados a habitar – exorta à penitência e recorda que tudo mais é passageiro, ou seja, somos estrangeiros nesta terra, ao passo que é vão qualquer acúmulo de bens, enquanto a dedicação e empenho para alcançar essa cidade que o Pai, em sua bondade, preparou para todos, não são inúteis nem estéreis. Nas palavras do Santo Padre: “compartilharemos de uma felicidade que o mundo não poderá tirar-nos⁵⁸”, por isso, cabe seguir a recomendação do Pastor: “Vigie, reserve o necessário e esteja pronto”⁵⁹.

Entre parábolas, visões e mandamentos, o Pastor de Hermas deixa uma herança intelectual e espiritual que transcende à catequese, demonstrando planejamento, gestão e projetos, tanto para a vida quanto para qualquer outra motivação⁶⁰. O Pastor apresenta a tristeza dos que estão trancafiados em seus negócios e a alegria dos que empreendem e investem nos caminhos do Senhor ao seguir seus mandamentos⁶¹. Novamente cabe lembrar: “reserve o necessário e esteja pronto”.

Em suma, seus ensinamentos deixam transparecer a identidade e o ministério

⁵⁶ FRANCISCO, PP. Disponível em:

<https://twitter.com/pontifex_pt/status/403528682406297600>: Acesso: 01 nov. 2022.

⁵⁷ FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica: *Gaudete et Exsultate*, Sobre a chamada à santidade no mundo atual. n 14-15. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#_ftnref10>: Acesso em: 27 nov. 2022.

⁵⁸ FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica: *Gaudete et Exsultate*, Sobre a chamada à santidade no mundo atual, n 177. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#_ftnref10>: Acesso em: 27 nov. 2022.

⁵⁹ HERMAS 50, 6.

⁶⁰ HERMAS 44, 1 – 49, 5.

⁶¹ HERMAS 40,1 – 42,4.

da Igreja e como Deus Pai a pensou: planejada, bem gerida, próspera e eficaz, sustentada na figura materna representada pela fé, mãe da continência que, por sua vez, é mãe da simplicidade, a mãe da inocência, mãe da santidade, que é a mãe da ciência, a mãe da caridade, sem a qual é impossível habitar a Torre. Todas essas virtudes supracitadas são representadas pela estrutura retórica do Pastor de Hermas, pelas sete mulheres que, subordinadas umas às outras, sustentam a Torre que é a Igreja⁶².

“Apressai em agir bem⁶³!” Hermas se esforça em apresentar o caminho, os princípios e as instruções necessárias para chegar ao convívio dos santos na grande e bela Torre, ainda em construção. Entre as visões, mandamentos e parábolas é possível encontrar a identidade eclesiástica e o serviço, os quais a Igreja, em suas mais variadas instituições, se empenha em realizar. Sob a figura de 24 mulheres⁶⁴, Hermas ilustra a conduta dos cristãos e o serviço essencial que devem e que não devem empreender independentemente de seus cargos, funções e posições sociais, um serviço universal capaz de lapidar toda e qualquer obra, além da própria identidade pessoal e eclesial. No contexto da literatura patrística antiga, Hermas deve representar o mais antigo escrito cristão que concilia o planejamento e a construção de uma obra com elementos espirituais ou eclesiásticos com base nos carismas e nas virtudes dessas 24 virgens. De fato, esse número deve sugerir, antes de tudo, o desenvolvimento de uma espiritualidade eclesiástica que já tinha conjugado o antigo povo de Deus com a missão do povo da nova aliança.

São dois grupos de doze mulheres, que totalizam as vinte e quatro⁶⁵. As doze primeiras, representadas por doze virgens, se referem à: fé, temperança, força, paciência, simplicidade, inocência, castidade, alegria, verdade, inteligência concórdia e caridade. As outras doze, representadas por mulheres atraentes, se referem à: incredulidade, indiferença, desobediência, engano, tristeza, maldade, dissolução, cólera, falsidade, insensatez, maledicência e ódio. Personagens que representam os caminhos que levam à salvação e à perdição. Rico esse ensinamento. Quase poético. Em uma espécie de sinopse, Hermas demonstra o serviço que cada grupo de mulheres representa e manifesta em suas personalidades, revelando, na

⁶² HERMAS 16,2.

⁶³ HERMAS 114, 4.

⁶⁴ HERMAS 79, 3 e 86, 5.

⁶⁵ HERMAS 92, 2-4.

figura das virgens, a conduta moral dos servos de Cristo e a ética com a qual se manifesta a verdadeira e autêntica identidade da Igreja de Cristo⁶⁶.

2.3.2

Justino Mártir

Leigo e filósofo, mas também, teólogo e mártir, protagonista no processo de introdução da filosofia aos ensinamentos cristãos que, originalmente, eram tidos como vulgar para a categoria de doutrina oficialmente razoável e digna de respeito⁶⁷, São Justino de Roma, ou Justino Mártir, inquieto e sedento de saber, transitou pelas filosofias estoica, peripatética e pitagórica, porém, a insuficiência filosófica por ele encontrada nessas filosofias em relação à imortalidade da alma despertaram seu interesse pelo estudo dos profetas que o levaram ao cristianismo, estudo esse ao qual empreendeu sua vida em defesa da fé⁶⁸, convicto de nele encontrar a “única filosofia fidedigna e proveitosa”⁶⁹. Revestido do pálio, distintivo dos filósofos gregos, produziu diversas obras, entre as quais poucas se preservaram e chegaram até nós: suas apologias – dedicadas à identidade cristã e eclesiástica – e o diálogo com o judeu Trifão, além de fundar a primeira escola em Roma⁷⁰.

Em suas escritos, além de defender a fé, São Justino convida o Império Romano a examinar os ensinamentos cristãos⁷¹, conhecer sua prática religiosa⁷² e relata a hierarquia ministerial bem estruturada já no segundo século⁷³, mesmo em meio a terríveis perseguições, ao descrever o *modus operandi* de sua comunidade com o qual, inclusive, testemunha a força (*δυναμις*) de Cristo⁷⁴ presente e atuante na frutuosa fraternidade cristã⁷⁵, nos encontros aos domingos e na celebração eucarística, demonstrando ainda a potencial contribuição dos cristãos para com o Império e seus governantes, uma vez que, fiéis e zelosos aos ensinamentos

⁶⁶ HERMAS 1, 6; 11, 3 e 114, 4.

⁶⁷ SILVA, A.L.R. A atividade pedagógica de São Justino Mártir em Roma, p. 142.

⁶⁸ JUSTINO de Roma, I Apol. 1, 4-6.

⁶⁹ JUSTINO de Roma, Diál. 8.

⁷⁰ SILVA, A.L.R. A atividade pedagógica de São Justino Mártir em Roma, p. 129-130.

⁷¹ SILVA, A.L.R. A atividade pedagógica de São Justino Mártir em Roma, p. 142.

⁷² JUSTINO de Roma, I Apol. 14.

⁷³ JUSTINO de Roma, I Apol. 67, 1-7.

⁷⁴ RUSCONI, C. *δύναμις* (*dýnamis*). Dicionário do Grego do Novo Testamento, p. 139.

⁷⁵ JUSTINO de Roma, I Apol. 65.

recebidos dos apóstolos, pela associação entre palavras e ações⁷⁶, procuram imitá-los em seus mais belos exemplos⁷⁷. Em poucas palavras, não são um problema para o Império, mas, ao contrário, importante apoio, pois, não são descumpridores da lei, como aprenderam de Jesus, sabem reconhecer o que é de Deus e o que é de César, sabem quais são seus deveres para com Deus e para com a sociedade na qual estão inseridos, sabem ainda que apesar de não serem deste mundo, nele estão (Jo 17, 15-17), sabem reconhecer o que pertence ao Reino de Deus e ao reino de César (Mt 22,21).

Em seu diálogo com Trifão, São Justino justifica a continuidade da descendência abraâmica do povo de Israel pelos cristãos⁷⁸, anunciada pelos profetas⁷⁹ e também nas Memórias dos Apóstolos de Cristo, o Evangelho⁸⁰, na passagem da antiga para a nova aliança em Jesus Cristo⁸¹, a “nova lei e nova aliança”⁸², não uma ruptura, como também demonstrado nos últimos tempos pela anamnese litúrgica das Calendas de Natal: “[...]quando no quadragésimo segundo ano do império de César Augusto Otaviano, [...] Jesus Cristo, Deus eterno e Filho do Pai eterno, [...] concebido pelo Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria e se fez homem⁸³”. Por outro lado, numa apresentação um tanto quanto paradoxal, São Justino, fiel aos ensinamentos dos Apóstolos, demonstra também uma ruptura ritual pela descontinuidade da circuncisão, antes exigida como sinal a Abraão e seus descendentes, agora, porém, após a encarnação do Verbo, a “nova faca da nova circuncisão⁸⁴”, este sinal de iniciação é transferido para o batismo.

O desejo honesto e sincero de São Justino Mártir era levar ao conhecimento de todos a religião cristã⁸⁵ e, conseqüentemente, procurava convencer seus ouvintes a abraçar o cristianismo. No exercício de seu ministério, com a “firmeza incorrupta dos que permaneceram firmes na fé”⁸⁶, como dirá São Cipriano. Preso, provavelmente durante uma exposição em sua escola⁸⁷, São Justino de Roma, foi

⁷⁶ SILVA, A.L.R. A atividade pedagógica de São Justino Mártir em Roma, p. 138

⁷⁷ JUSTINO de Roma, I Apol. 67.

⁷⁸ JUSTINO de Roma, Diál. 123, 8.

⁷⁹ JUSTINO de Roma, Diál. 11,3-4.

⁸⁰ JUSTINO de Roma, Diál. 106,1.

⁸¹ JUSTINO de Roma, Diál. 11.

⁸² JUSTINO de Roma, Diál. 11,2.

⁸³ Diretório da Liturgia e da Organização da Igreja no Brasil, p. 40.

⁸⁴ JUSTINO de Roma, Diál. 113,7.

⁸⁵ JUSTINO de Roma, II Apol. 14.

⁸⁶ CIPRIANO de Cartago, Laps. 3.

⁸⁷ SILVA, A.L.R. A atividade pedagógica de São Justino Mártir em Roma, p. 140.

martirizado e nos deixou como herança em suas obras o conhecimento da fé, da identidade cristã e da Igreja de Cristo. Ao concluir sua apologia, certamente ciente da semente de fé que nos deixaria, registrou sua súplica a Deus pela humanidade para que pudessem chegar ao conhecimento da verdade⁸⁸.

2.3.3

Cipriano de Cartago

A providência de Deus se manifesta na história com formas e medidas variadas e não foi diferente no século III, quando após 40 anos de trégua entre o Império Romano e os cristãos, surge uma nova perseguição ocasionada inicialmente por conta de uma peste que flagelou o Império Romano⁸⁹ e motivou o Imperador Décio a publicar um edito em honra aos deuses⁹⁰. Este edito obrigava a todos os súditos do Império a realizar um gesto público de piedade para com as divindades romanas⁹¹. O desdobramento dessa história culminou em uma nova perseguição cristã, agravada pelos efeitos externos produzidos pelo cisma e pelos internos, inspirados pela heresia. Um autêntico desafio teológico que São Cipriano enfrentou com vigor, e seu entusiasmo frutificou não apenas em aspectos intelectuais, mas também e, autenticamente espirituais, com os quais a Igreja em todo o mundo, até hoje, pode usufruir em benefício da construção do Reino de Deus.

O início da perseguição coincidiu com o de seu episcopado, na sucessão de Donato, bispo de Cartago, que havia falecido. São Cipriano discerniu que, para amenizar a perseguição, seria melhor seguir as orientações apostólicas e se exilar (Mt 10,23), sem, contudo, abandonar sua comunidade, com quem se comunicou por cartas durante um ano e meio⁹². À iminência do anúncio da perseguição, muitos cristãos, clérigos e leigos, com os ânimos mal-dispostos a sofrer pela fé, agiram como se não pertencessem à Igreja de Cristo⁹³. Muitos clérigos abandonaram o magistério e o povo e, vagando por terras alheias, procuravam os mercados

⁸⁸ JUSTINO de Roma, II Apol. 15,4.

⁸⁹ INSUELAS, J. B. L. Curso de Patrologia, p. 180.

⁹⁰ VINEL, F. Novacionismo. In: LACOSTE, J.Y. (Org). Dicionário crítico de teologia, p. 1275.

⁹¹ SALAMITO, J.M. Cipriano de Cartago. In: LACOSTE, J.Y. (Org). Dicionário crítico de teologia, p. 386.

⁹² ALTANER, B. Patrologia: vida, obras e doutrinas dos Padres da Igreja, p. 179.; VINEL, F. Cipriano de Cartago. In: LACOSTE, J.Y. (Org). Dicionário crítico de teologia, p. 386.

⁹³ INSUELAS, J. B. L. Curso de Patrologia, p. 168.

semanais do negócio lucrativo, derrotaram-se a si mesmos em lapsos voluntários, e sequer manifestavam alguma reação corpórea ao negá-la, atitude pela qual ficaram conhecidos na história pelo nome de Lápsos, os caídos, vencidos antes da batalha⁹⁴.

Esses apóstatas, cegos de amor pelos patrimônios, com a virtude retardada, a fé pesada, a mente vencida e a alma fechada⁹⁵, imolaram a própria salvação, a própria esperança, queimaram a própria fé e se desgraçaram em suas próprias ruínas⁹⁶. Alguns até tentaram reagir inicialmente com as armas da devoção e da fé, mas logo se renderam⁹⁷, todos se tornaram presas e alimentos da serpente⁹⁸. Frente a esse desafio teológico, São Cipriano encontrará apoio em São Cornélio que, eleito bispo de Roma em 251, enfrentou a situação e o apoiou.

Em meio a tantas tribulações, surgem ainda novos obstáculos, novas turbulências, pois, com o final da perseguição, muitos desses lapsos desejaram voltar à comunhão com a Igreja, e São Cipriano reconhece que “a fraqueza do corpo cedeu e, não a alma, mas o corpo se rendeu à dor⁹⁹” e, certamente, tal alegação poderá ajudar para o perdão, é de se admirar uma justificação como essa, mas para que seja possível essa reconciliação, São Cipriano – e com ele São Cornélio – propõe caminhos de penitência em favor de suas conversões, atitude refutada por alguns membros do clero, entre eles, Novaciano, um presbítero romano influente, com tendências rigoristas e influenciado pelo montanhismo. Ele e seus discípulos se recusam a aceitar a penitência dos lapsos¹⁰⁰.

Sensível aos sinais dos tempos e com zelo apostólico, São Cipriano identifica ainda outra terrível perseguição, um perigo iminente, silencioso, sutil e velado sob o aspecto da misericórdia: a distribuição da comunhão estendida aos insensatos, “perigosa para quem a dá e nada proveitosa para quem a recebe”, afirma São Cipriano, pois, não buscam a penitência e esquecem com facilidade o gravíssimo pecado que cometeram. Sob a imagem das feridas dos enfermos, alude à penitência, necessária no processo de conversão que conduz à salvação¹⁰¹. Sem a devida penitência, que é o remédio, as feridas dos moribundos ficam abertas e a doença se

⁹⁴ CIPRIANO de Cartago, Laps. 6 - 8.

⁹⁵ CIPRIANO de Cartago, Laps. 11.

⁹⁶ CIPRIANO de Cartago, Laps. 9.

⁹⁷ CIPRIANO de Cartago, Laps. 13 - 14.

⁹⁸ CIPRIANO de Cartago, Laps. 11.

⁹⁹ CIPRIANO de Cartago, Laps. 13.

¹⁰⁰ VINEL, F. Novacionismo. In: LACOSTE, J.Y. (Org). Dicionário crítico de teologia, p. 1275.

¹⁰¹ CIPRIANO de Cartago, Laps. 15.

torna letal, estendendo tal malefício à própria comunhão: “Quem comer o pão e beber o cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor” (1Cor 11,27), exorta. Contudo, São Cipriano, inspirado pelos confessores, a cândida legião dos soldados de Cristo, alerta para a necessidade da confissão e da conversão integral, pois, “quem pela penitência agregar mais virtudes e mais fé a partir da própria dor de seu lapso, fará alegre a Igreja e receberá, além do perdão, a coroa de Deus¹⁰²”.

A virtude e a fé dos confessores e mártires e a fidelidade e perseverança com que enfrentaram os sofrimentos da perseguição revelam não uma mera resistência alimentada por qualquer ideologia, mas a autoconsciência de pertença à Mãe Igreja, não é um mero sentimento, mas, a autoconsciência de pertencer ao corpo de Cristo. Essa autoconsciência e fidelidade são um espetáculo glorioso, um exemplo para todos e uma verdadeira alegria para a Igreja, como manifesta São Cipriano ao descrever seu apreço pelos confessores e mártires, inclusive as mulheres, as virgens e até mesmo as crianças e uma multidão que, marcados com insígnias semelhantes, ou seja, os sinais da perseverança, as cicatrizes da perseguição, permaneceram firmes com a mesma sinceridade de coração e a mesma fé tenaz desses homens triunfantes e fiéis ao Evangelho¹⁰³.

Consciente de seu ministério, São Cipriano chama para si e para os seus irmãos no episcopado a responsabilidade pelo serviço da unidade da Igreja de Cristo, principalmente os bispos, sucessores dos apóstolos sob a comunhão com o bispo de Roma, sucessor de Pedro sobre quem o Senhor edificou sua Igreja¹⁰⁴ (Jo 21,15). Essa unidade deve ser mantida e defendida com firmeza, pela unidade episcopal, que manifesta, em seu ofício, a força da unidade com a qual nosso Senhor edificou sua Igreja (Jo 20, 21-23) num só corpo e um só espírito, uma só fé, um batismo, um Deus (Ef 4,4-6). Com estas palavras, São Cipriano trabalha os aspectos teológicos, espirituais e institucionais da unidade da Igreja, um corpo indiviso, distribuído em diversos membros (1Cor 12, 27), num vínculo inseparável simbolizado na túnica de nosso Senhor Jesus Cristo como manifestação da unidade da Igreja que veio do Pai¹⁰⁵.

¹⁰² CIPRIANO de Cartago, Laps. 2; 29; 36.

¹⁰³ CIPRIANO de Cartago, Laps. 2.

¹⁰⁴ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 4-5, tradução nossa.

¹⁰⁵ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 7, tradução nossa.

Como que numa pedagogia, num processo de ensino e aprendizagem, São Cipriano ensina a interpretar, distinguir e discernir sobre os verdadeiros e falsos profetas, os verdadeiros e falsos seguidores de Cristo que do púlpito da pestilência infectam e apodrecem a fé, com seus contos de serpente enganam as pessoas e com habilidade alteram a verdade e vomitam veneno mortal no coração e na mente de todos¹⁰⁶. Para demonstrar a habilidade destes pestilentos, São Cipriano apresenta a passagem do Evangelho segundo Mateus pela qual nosso Senhor afirma estar entre dois ou três que se reúnem em seu nome. Os pestilentos deturpadores do Evangelho, como apresentados por São Cipriano, ao interpretar esta passagem, reproduzem a cisão que cometeram contra a Igreja. Tanto quanto se isolaram da Igreja, isolam também a frase de um texto inteiro, de um texto único. Na passagem supracitada, ensina São Cipriano, nosso Senhor recomenda a seus discípulos a perfeita concórdia e a harmonia da paz e condena a discórdia¹⁰⁷.

Com amor e zelo apostólico São Cipriano soube tratar com caridade os lapsos arrependidos e, fiel ao Evangelho, com a simplicidade das pombas e a prudência das serpentes (Mt 10,16) soube admoestar a tibieza dos demais; como sal da terra (Mt 4,13), realçou o sabor da fé presente no testemunho dos mártires e no zelo dos bons confessores. A exemplo de São Paulo Apóstolo, combateu o bom combate e guardou a fé (2Tm 4,7-8), soube advertir os clérigos e leigos mesmo quando exilado, através de suas cartas. Sua vida exalou o perfume de Cristo (2Cor 2,15) e sua herança, após seu martírio, se manifesta em seu carisma semelhante ao Cristo Pedagogo de São Clemente de Alexandria, educador da humanidade, “Logos que conduz toda a humanidade; o próprio Deus que ama os homens”¹⁰⁸.

2.3.4

São Clemente de Alexandria – O Pedagogo

O grande teólogo e santo Clemente de Alexandria, um dos pioneiros do diálogo entre a fé e a razão na tradição cristã, nos presenteou com a rica trilogia: O Protréptico, O Pedagogo e O Estromata. Trilogia desenvolvida, ainda que não intencionalmente, para acompanhar com eficácia a maturação dos cristãos, como

¹⁰⁶ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 10, tradução nossa.

¹⁰⁷ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 12, tradução nossa.

¹⁰⁸ CLÉMENT D'ALEXANDRIA. Le Pédagogue 56,1, tradução nossa.

bem descreve o papa emérito Bento XVI. A herança deixada por São Clemente na primeira obra destina-se aos iniciantes da fé e a todos que buscam conhecer a fé cristã; na segunda obra, *O Pedagogo*, como que uma sequência e daí a ideia de uma trilogia a se completar na terceira obra, ele apresenta Jesus Cristo como O Pedagogo, o Educador da humanidade, que orienta os iniciantes da fé e também aos que procuram conhecer o caminho da fé, a se empreender conscientemente neste esforço, percorrer esta trilha decididamente rumo à Verdade e, por fim, o conjunto das obras de São Clemente culminará no *Estromata*, palavra grega para tapeçaria, o que faz muito sentido na atribuição feita por Bento XVI de uma trilogia do pensamento de São Clemente de Alexandria¹⁰⁹.

Em sua obra *O Pedagogo*, São Clemente apresenta a pessoa de Jesus Cristo como o Logos Pedagogo em diversas figuras: o piloto, o educador, o juiz, a lei, a vara do tronco de Jessé e acima de tudo, o Verbo. Suas analogias registram na história um patrimônio de conteúdos significativos que revelam a identidade eclesial e o serviço de nosso Senhor Jesus Cristo comunicados aos Apóstolos pelo Espírito Santo que, por sua vez, os transmitiram à sua Igreja. A herança deixada por São Clemente em seus escritos e analogias revelam, por conseguinte, a identidade eclesial e o serviço da Igreja que, a exemplo de seu Sábio Piloto, Educador e Juiz, dedica-se na condução dos batizados pelos caminhos do Reino dos Céus até o Porto Feliz, onde o Pai os aguarda com compaixão (Lc 15,11-32), orienta e corrige seus filhos peregrinos para não colidirem violentamente contra os rochedos das paixões, da imprudência, da indiferença, do orgulho, da iniquidade e quaisquer outros frutos do pecado¹¹⁰.

O Logos Pedagogo é o Piloto Sábio que navega com segurança, sabe por onde conduzir seus passageiros e como atravessar com segurança as turbulências encontradas na rota. O Logos Pedagogo apresenta a suas crianças, os discípulos, um estilo de vida saudável, os protege das tempestades bestiais do mundo como o piloto protege seu barco para que não venha a se romper, impulsionado pelo sopro da verdade, segura firme o leme, as orelhas, enfatiza São Clemente, até que possa pousar suas crianças sãs e salvas no porto seguro, no porto celestial. Em sua analogia, o teólogo simboliza no leme os ouvidos, e com isso nos ensina que o

¹⁰⁹BENTO XVI, PP. Audiência Geral, Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070418.html>. Acesso em 11 nov. 2022.

¹¹⁰ CLÉMENT D'ALEXANDRIA. *Le Pédagogue* I 53 – 61, tradução nossa.

Logos Pedagogo instrui com firmeza, precisão e segurança os seus instruídos até chegar ao Porto Feliz que, em sua analogia, representa o Reino dos Céus¹¹¹.

São Clemente apresenta o Logos Pedagogo com a figura do Educador da humanidade. O próprio Deus que ama os homens é o nosso Pedagogo, enfatiza. Em sua sabedoria, instrui com precisão e eficácia, corrige, direciona e protege seus discípulos (Dt 32, 10-12), contrariamente aos mestres dos filhos dos reis da Persa que, perdidos em seus crimes, paixões e vícios, conduziam seus discípulos à perdição¹¹². Ele é o Pedagogo de Jacó (Gn 28,15), de Moisés (Ex 32, 33-34) e da Humanidade (Ex 29,46), a Vara de Jessé (Is 11,1), acompanha os seus discípulos e, como fez a Moisés, também o faz a sua Igreja, ao prover todo o necessário para sustentar seu ofício de pedagoga¹¹³.

Pedagogo e simultaneamente Juiz, o Logos Pedagogo orienta e também julga e condena os que infringem a lei, ainda assim, não como um tirano desalmado, mas como Juiz benigno que não se cala diante das infrações, delitos e pecados, ao contrário, mostra-os e censura-os, a fim de exortar os transgressores e pecadores a fazer penitência, ou seja, a reparar seus erros e restabelecer sua humanidade (Ex 18,23-32; 33,11). Juiz benevolente, o Logos Pedagogo mostra a sentença para instruir e não para usurpar e amedrontar. Sua autoridade se manifesta na vara de Jessé (Is 11,1-4) que irá restituir a justiça onde o temor era o motor da lei antiga, pois, os homens, inflamados por uma cólera horrível e abominável se massacravam, num contexto em que nem mesmo os animais eram poupados do suplício da mutilação¹¹⁴.

O temor que era o motor da lei antiga, exorta São Clemente, a partir da encarnação do Verbo se transformou no amor da nova lei. “Aprendeis a fazer o bem”, diz o Senhor (Mc 12,30) e mais, “tende amor à justiça e detestai a impunidade” (Lc 10,27). O Logos Pedagogo é também apresentado por São Clemente de Alexandria como a Lei que, ao mesmo tempo, é a antiga graça que o Verbo deu aos homens pelo ministério de Moisés. São Clemente observa que Moisés é o servo enviado do Verbo que recebeu a lei de quem provém a graça e a verdade, e sem o qual nada poderia ser feito (Jo 1,3). É a Lei que orienta e corrige com firmeza, consola e salva

¹¹¹ CLÉMENT D’ALEXANDRIA. Le Pédagogue I 54, 2 – 3, tradução nossa.

¹¹² CLÉMENT D’ALEXANDRIA. Le Pédagogue I 56, 1 – 2, tradução nossa.

¹¹³ CLÉMENT D’ALEXANDRIA. Le Pédagogue I 56, 4 – 61,1, tradução nossa.

¹¹⁴ CLÉMENT D’ALEXANDRIA. Le Pédagogue I 58, 2; 61,6 – 7, tradução nossa.

e por isso é venerável. A correção do Logos Pedagogo não é a morte, mas a libertação da morte. Por isso o salmista proclama: “Vosso cajado e vosso báculo são meu conforto!” (Sl 22,4)¹¹⁵.

Belo e grande mistério de amor contrário à lógica humana que pela menor das ingratidões e por bem menos transgressões teria se inflamado em cólera e condenado os pecadores, mas o Logos Pedagogo, ao contrário, veio para os pecadores (Mc 2,17) enquanto guarda, no monte, os santos (Mt 18, 12-14). Um verdadeiro serviço sinodal que busca muito além de que uma harmonia social, busca a comunhão que é própria de sua identidade trinitária. A Igreja, portanto, discípula missionária do Logos Pedagogo, trabalha em seus ritos e cultura o despertar da fé aos ouvintes, para levá-los a proclamar a vida nova com Cristo, preparando-os para o batismo pelo qual, incorporados ao Logos Pedagogo, cresçam livres dos vícios, das paixões, das indiferenças, das iniquidades e dos outros pecados, até a plenitude, onde finalmente verão Deus face a face (Ap 22,4), tal como Ele é e serão um com o Pai (Jo 17,11), como deseja nosso Senhor Jesus Cristo¹¹⁶.

2.3.5

Santo Agostinho e o trabalho dos monges

Santo Agostinho se depara com uma crise iminente, prestes a desnaturar a vida monástica, uma realidade atípica entre alguns monges, que irá destoar do conhecido lema *ora et labora* de São Bento: a recusa dos ofícios manuais sob a justificativa de sua dedicação aos ofícios litúrgicos, espirituais. Para tanto, valeram-se de uma leitura distorcida da Carta de São Paulo aos Tessalonicenses (2Ts 3,10) para alegar que o trabalho a que Paulo se referia não era manual, mas, apenas espiritual e ainda, com insistente insensatez, acrescentavam outras citações, reafirmando-se como operários do Reino de Deus (1Cor 3, 8-10) que, semelhantes às aves do céu, não precisam trabalhar manualmente para receber seus alimentos e roupas (Mt 6, 25-34), mas apenas dedicar-se ao silêncio no estudo da Escritura, na oração, nos salmos, nos hinos e cânticos espirituais. Diante de tais argumentações, Santo Agostinho sugere duas ações: em primeiro lugar, examinar os pretextos que

¹¹⁵ CLÉMENT D’ALEXANDRIA. Le Pédagogue I 59, 1 – 60, 7, tradução nossa.

¹¹⁶ LG 17.

levaram os monges a desprezar o trabalho manual e, em segundo lugar, diante de qualquer tendência e ação perversiva, exortá-los e corrigi-los imediatamente¹¹⁷.

A sequência da Carta de São Paulo aos Coríntios deixará bem claro que não se trata exclusivamente do trabalho espiritual: “Ou somente eu e Barnabé não temos o direito de não trabalhar?” Santo Agostinho evidencia o tipo de trabalho a que o Apóstolo se refere: se ele fala do trabalho espiritual, cairá no absurdo de afirmar que todos os evangelizadores têm o direito de não evangelizar. A isenção do trabalho manual era um direito dos Apóstolos, ou seja, uma concessão dada pelo próprio Senhor, mas que, no entanto, Paulo e Barnabé dispensaram em benefício das comunidades nos diversos lugares onde anunciavam o evangelho. Segundo Santo Agostinho, Paulo demonstra em sua Carta que os Apóstolos não usurpavam nada do que lhes era devido, mesmo quando havia reais necessidades de se abdicar dos trabalhos manuais, o que é bem diferente dos pretextos apresentado por aqueles monges¹¹⁸.

Persistentes em seus erros, interpretavam, com requinte de inconsistências, ou inconsistências colossais – como enfatiza Santo Agostinho – a analogia das aves que comem o que não semearam, utilizada por Jesus em seus ensinamentos, para relativizar as preocupações com as necessidades materiais, embora continuassem a se distrair na leitura por desleixo ou por má intenção. Talvez no calor ascendente e ansioso pelo desejo de fazer valer suas ideias, não sabemos, mas não se prestam ao cuidado do que vem a seguir: “não só não semeiam, mas também, não guardam em celeiros”. Santo Agostinho demonstra por três vias de trabalho a inconsistência colossal entre o que eles dizem e o que fazem: o armazenamento, a moagem e o cozimento, “trabalhos que as aves não realizam!”¹¹⁹

“As aves na verdade valorizam tanto sua liberdade que preferem procurar nos campos o que precisam para viver em vez de receber o que os homens preparam e trazem¹²⁰”.

Sábias palavras e excelente analogia de inspiração para a identidade e o serviço eclesiais inerentes a todos os batizados. Se até as aves “preferem procurar no campo” ao invés de “receber o que os homens prepararam”, o que se dirá ou ainda, o que esperar dos vocacionados ao serviço do Reino de Deus, senão

¹¹⁷ AGOSTINHO de Hipona. *Il lavore dei monaci* 1.1 - 1.2, tradução nossa.

¹¹⁸ AGOSTINHO de Hipona. *Il lavore dei monaci* 7.8, tradução nossa.

¹¹⁹ AGOSTINHO de Hipona. *Il lavore dei monaci* 23.27, tradução nossa.

¹²⁰ AGOSTINHO de Hipona. *Il Lavore dei monaci* 22.26, tradução nossa.

a dedicação, o empenho e o trabalho? A identidade monástica se via então numa iminente crise, prestes a se desnaturar¹²¹. Os “veneráveis” monges que fingiam uma falsa interpretação das Escrituras para se esquivar do trabalho manual do qual provêm seus alimentos e suas roupas, até sem perceber, já tinham perdido sua identidade eclesiástica.

O serviço prestado pelos servos de Deus não apenas há de beneficiar este ou aquele irmão, mas, essencialmente beneficia toda a humanidade, ou seja, todos aqueles que com ela desfrutam da vida, pois, o serviço destes servos é o serviço do amor que é integral, é inteiro sem operar em benefício próprio, qual dom de Deus que, uma vez partilhado, se multiplica e dignifica a todos os envolvidos, pois, se trata dos serviços eclesiais, ou seja, da assembleia que se reúne para o bem comum, uma comunidade sinodal, uma verdadeira família¹²² que tem uma só alma e um só coração (At 4,42) e, por isso mesmo, exige zelo para não prejudicar aqueles que doaram tudo e se adaptaram ao trabalho em benefício dos preguiçosos e fastidiosos¹²³.

A capacidade de trabalhar é um dom de Deus. Isso significa dizer que viver do trabalho é viver do dom de Deus, dom que o próprio Deus concedeu aos seres humanos. Por isso, nosso Senhor Jesus Cristo, a Providência do Pai para nós, nos orienta a não nos preocuparmos com as necessidades da vida, “Ele proverá”. Assim afirma Santo Agostinho, ao dizer que no trabalho prestado ao Senhor, não é necessário se preocupar com o amanhã, pois, dele recebemos os bens eternos que transcendem os bens temporais. Isso, porém, não significa que Deus não cuide das necessidades temporais que nos são próprias no cotidiano, ao contrário, sua Providência generosa atinge a todos, até mesmo tais preguiçosos¹²⁴.

Ao preço de uma santidade simulada e enganados pela ociosidade¹²⁵, tais monges preguiçosos colocam em risco a identidade eclesiástica da Igreja de Cristo, ao usurpar de direitos legítimos sob pretextos dolorosamente ridículos, frutos de uma estupidez inigualável¹²⁶. Santo Agostinho reforça os devidos empenho e zelo para resgatar a identidade cristã manifesta no serviço eclesial e a conversão das

¹²¹ AGOSTINHO de Hipona. *Il Lavore dei monaci* 23.30, tradução nossa.

¹²² AGOSTINHO de Hipona. *Il Lavore dei monaci* 25.32, tradução nossa.

¹²³ AGOSTINHO de Hipona. *Il Lavore dei monaci* 25.33, tradução nossa.

¹²⁴ AGOSTINHO de Hipona. *Il Lavore dei monaci* 27.35, tradução nossa.

¹²⁵ AGOSTINHO de Hipona. *Il Lavore dei monaci* 31.39, tradução nossa.

¹²⁶ AGOSTINHO de Hipona. *Il Lavore dei monaci* 32.40, tradução nossa.

peças asfixiadas pelo fedor que emana dos fastidiosos e preguiçosos simuladores da santidade. Recorda a identidade da vida monástica que se traduz num exigente projeto de vida a serviço do Reino de Deus, que exala o perfume de Cristo manifesto pela boa conduta a que se submetem revigorados pelo bom odor do carisma que livremente assumiram¹²⁷.

2.3.6

Cirilo de Jerusalém

Atrevido e impudente, o príncipe do mal simula amizade, planeja suas armadilhas, propõe pompas de toda espécie e, numa verdadeira estratégia mentirosa, ilude suas vítimas que, por sua vez, promovem cultos idólatras e, enganados, acreditam ter encontrado a cura de seus males, as soluções para seus problemas impostos pelo próprio enganador. Foge de tudo isso, acentua São Cirilo de Jerusalém e mais, “foge para a montanha para junto de Jesus Cristo, a pedra talhada não por mãos e que encheu a terra”. Ao parafrasear São Cirilo de Jerusalém em sua catequese mistagógica, encontram-se elementos significativos de vigilância e zelo pela identidade e serviço, ao qual, pelo batismo, se é chamado e nos quais é proposto perseverar, não pelas próprias forças e recursos, mas no Pai e no Filho e no Espírito Santo¹²⁸.

Armadilhas, vaidades e mentiras, ou seja, situações que sinalizam um perigo iminente contra a identidade e o serviço eclesial, requerem a prática da renúncia não em função de uma covardia imatura, mas como o resultado dos frutos semeados pela prudência. Para tanto, São Cirilo apresenta um caminho, uma trilha: “fugir para a montanha junto de Jesus Cristo”. Uma autêntica proposta mistagógica que, primeiramente, já afasta para bem longe o perigo dos cultos idólatras e das falsas soluções e, além disso, uma proposta autenticamente eclesial e enraizada na liturgia cristã, cume para onde se direciona toda ação da Igreja, em outras palavras, a montanha onde está Jesus Cristo, a verdadeira fonte de onde emana sua força¹²⁹. Uma vez fortalecido, vigie¹³⁰, orienta São Cirilo. E não apenas vigie, mas, como

¹²⁷ AGOSTINHO de Hipona. *Il Lavore dei monaci* 28.36, tradução nossa.

¹²⁸ CIRILO de Jerusalém. *Catequeses Mistagógicas I*, 1-10.

¹²⁹ SC, 10.

¹³⁰ CIRILO de Jerusalém. *Catequeses Mistagógicas I*, 10.

exorta São Pedro em sua carta, resistam firmes na fé! Pois, o impudente rodeia como um leão à procura de quem devorar.

“Fugir para a montanha onde está Jesus Cristo” é, em outras palavras, viver a liturgia como o lugar desse refúgio, onde se renovam as forças da fé para “combater o bom combate”, onde a identidade eclesial é reforçada e o serviço é qualificado, onde se encontram as verdadeiras e autênticas inspirações e soluções, pois ali celebra-se o mistério que conhecemos pelas Sagradas Escrituras¹³¹. Enxertados na oliveira cultivada, ou seja, em Jesus Cristo, o prudente refugiado na montanha onde está Jesus Cristo se torna verdadeiramente participante de sua abundância. Com a insuflação dos santos e a invocação do nome de Deus queimam-se e expõem-se os demônios, recebe-se de Deus uma tal força que põe em fuga as forças invisíveis do maligno¹³². “Oh! Amor sem medida! Cristo recebeu em suas mãos imaculadas os pregos e padeceu, e a mim, sem sofrimento e sem pena, concede graciosamente por esta participação a salvação¹³³”.

A insuflação dos santos de que fala São Cirilo é um significativo auxílio na perseverança do serviço ao qual cada cristão é chamado e uma especial fortificação para a identidade cristã. Não se trata de mera verbalização para poetizar uma ideia, mas uma realidade verbalizada. A insuflação dos santos é de grande valia para a geração de hoje que, desorientada como ovelhas sem pastor, procura por boas influências, sem muitas vezes encontrar e, por isso, se depara com um vazio existencial deprimente e verdadeiramente triste. Todos aqueles que forem introduzidos em Cristo pelo Espírito Santo recebido no batismo e forem ungidos pelos sacramentos do Crisma, como sinal de libertação, encontrarão o seu propósito na influência dos santos a fim de que, superando uma crise real de identidade, possam escutar Deus e entrar em diálogo com Ele (Is 50,4; Mt 11,15), possam exalar o bom odor de Cristo (2Cor 2,15), possam ser revestidos da armadura do Espírito Santo e resistam aos artifícios do diabo (Ef 6,14.11; Is 11,5; 59,17; 1Ts 5,8)¹³⁴. Crescem não por suas próprias forças, mas porque se nutrem do próprio Cristo que se fez alimento e os tornou participantes de sua natureza divina¹³⁵(2Pd 1,4).

¹³¹ CNBB. O sentido espiritual da liturgia, p. 39.

¹³² CIRILO de Jerusalém. Catequeses Mistagógicas II, 3.

¹³³ CIRILO de Jerusalém. Catequeses Mistagógicas II, 5.

¹³⁴ CIRILO de Jerusalém. Catequeses Mistagógicas III, 1-7.

¹³⁵ CIRILO de Jerusalém. Catequeses Mistagógicas IV, 3; DV 11.

Em suas catequeses mistagógicas, São Cirilo chama a atenção a um gesto que talvez passe despercebido nos dias de hoje: aquele em que o presbítero lava as mãos durante a celebração da eucaristia. “Não se trata de lavá-las por causa da sujeira corpórea. Não é isso. Pois com o corpo sujo nem sequer teríamos entrado na igreja”, destaca São Cirilo. Lavar as mãos é um gesto simbólico e ritual para comunicar que todos, a começar pelo eleito que preside a celebração, devemos nos purificar dos pecados e faltas. Mas por que essa comunicação pelo gesto de lavar as mãos? São Cirilo nos ensina que as mãos são símbolos das obras¹³⁶. E faz muito sentido, pois, na preparação da mesa, momento em que o presbítero realiza esse gesto, são apresentados o pão e o vinho, frutos da terra e também do trabalho humano. Lavar as mãos, então, pode significar entre várias coisas, a purificação das obras, ou seja, purificar o serviço que se realiza e que, por vezes, pode ser contaminado pelas vaidades dos servidores (Lc 22,24; Mc 10,41; Mt 20,24).

As mãos simbolizam a necessidade de purificar essas obras. Servir como o Mestre serviu (Jo 13,15; Mt 20, 28), fazer tudo o que ele disser, orienta a Boa Mãe, Maria Santíssima (Jo 2,5). Significa resistir e prevenir. Resistir às tentações pelas forças e nutrientes que nos são dados no alimento que é Cristo, e prevenir pela força da oração que fazemos na montanha onde está Jesus Cristo, nosso refúgio. A mistagogia da montanha, dos gestos litúrgicos e dos serviços são úteis para exercitar a identidade eclesial manifesta em nossos serviços.

Como se pode observar, a identidade e o serviço a que se refere e se dedica esta reflexão, estão longe de ser meras atividades isoladas ou simples ativismos. São, na verdade, serviços integrados e tão exigentes a ponto de muitos cristãos empreenderem suas vidas neles, outros ainda, para usar a expressão de São Cirilo, insuflados por seus fundadores, muitos deles santos, consagrarem suas vidas na realização desses serviços¹³⁷. Um serviço missionário que requer muito além de esforços, planejamentos e estratégias, requer o auxílio da graça de Deus que será alcançado na mistagogia da montanha, de que fala São Cirilo, ou seja, na liturgia da Igreja, onde está Jesus Cristo, cume e fonte da vida cristã.

¹³⁶ CIRILO de Jerusalém. Catequeses Mistagógicas V, 2.

¹³⁷ CIRILO de Jerusalém. Catequeses Mistagógicas II, 3.

3

A identidade das escolas cristãs e sua contribuição na formação integral da pessoa humana

3.1

Comunidade escolar: discipulado a serviço da pessoa humana

As comunidades dos discípulos de Cristo são referências para toda e qualquer comunidade escolar, pois, são um só coração e uma só alma (At 4,32). Uma unidade bela e atrativa como descrita e simbolizada por São Cipriano de Cartago, ao orientar sua comunidade a partir da figura emblemática da túnica de Cristo¹³⁸, sem costura, tecida como uma só peça (Jo 19,24), como a deslumbrante e harmoniosa torre do Pastor de Hermas que parecia ser feita de um único bloco¹³⁹, são, em nossa proposta, portanto, em sua essência, modelos autênticos da práxis escolar da e na formação humana, de onde é possível suscitar inspirações, boas práticas e diversos valores, além de despertar e renovar a vocação docente e estimular o entusiasmo discente, ou seja, o prazer do processo de ensino e de aprendizagem.

As comunidades escolares católicas são lugares significativos para esse processo, pois, inspiram-se nas comunidades dos discípulos de Cristo, tornando-se propícias para o amadurecimento¹⁴⁰, para as descobertas¹⁴¹ e para os encontros¹⁴². Também nas comunidades seculares ou laicas há convergências entre esses mesmos aspectos, enquanto podem contribuir entre si em vista do bem-comum e contam com a Igreja¹⁴³ que, como bem descreveu São Justino Mártir, oferece o apoio de que a sociedade precisa, sem buscar benefício próprio¹⁴⁴.

¹³⁸ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 7, tradução nossa.

¹³⁹ HERMAS 10, 6.

¹⁴⁰ GE 2.

¹⁴¹ GARRONE, G.M. A escola católica, 27. Disponível em: <

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html>: Acesso em 27 nov. 2022.

¹⁴² CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã: uma paixão que se renova. *Instrumento laboris*, conclusão. Disponível em:

<https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html>: Acesso em: 27.11.2022.

¹⁴³ GE, 1.

¹⁴⁴ JUSTINO de Roma, I Apol. 2,12.

Comprometida com o projeto educativo, a escola católica se torna modelo para toda e qualquer escola no mundo, desde que, arraigada pelos seus princípios¹⁴⁵. É preciso, entretanto, reforçar que o processo de ensino e de aprendizagem não é um compromisso exclusivo das escolas confessionais ou seculares, mas, também das famílias¹⁴⁶. A família é um lugar privilegiado para a formação integral da pessoa. Nela, vive-se constantemente a relação entre o ensino e a aprendizagem, são plantadas as sementes cujos frutos, entre tantos aspectos, produzem o bem comum, o caráter é forjado, a fé é semeada e cultivada numa identidade que se desenvolve em plena integração como quando, Peão, numa determinada ação de coragem e testemunho, declara, em seu depoimento, que recebeu a confissão da fé cristã de seus pais¹⁴⁷. Uma corajosa demonstração da força persuasiva do ciclo familiar que, em suma, favorece as comunidades escolares em seu empenho pela formação humana. É na família que se aprendem e se fortalecem esses valores¹⁴⁸.

Se os valores transmitidos pelas famílias geram uma atmosfera de amor, assim como descreve o Concílio Vaticano II, o que isso significa na prática? Entende-se por atmosfera a camada espessa que envolve todo nosso planeta, nossa Casa Comum, como denomina o Santo Padre. Aplicado aos valores transmitidos pela família, como enfatiza a Constituição pastoral *Gaudium et spes*, significa dizer que são valores que envolvem todo o caráter da pessoa humana de uma forma tal, como no testemunho de Peão, que faz transcender e se manifestam naturalmente. Aqui se manifesta o significado prático do relacionamento entre a família e a escola, ferramenta eficaz na formação integral da pessoa humana que beneficia toda a sociedade¹⁴⁹.

A família, a sociedade e a Igreja, no exercício de seus deveres colaborativos com a educação em vista do desenvolvimento da pessoa, como prescrito na Constituição Federal e no Código de Direito Canônico, constituem, em sua essência, uma autêntica comunidade educativa¹⁵⁰. A Igreja se compromete e se

¹⁴⁵ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã: uma paixão que se renova. *Instrumento laboris*, III. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html>: Acesso em: 27 nov. 2022.

¹⁴⁶ GE 3; BRASIL; Constituição (1998), art. 205.

¹⁴⁷ CORDEIRO, J.L. (Org.). Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio, p. 172.

¹⁴⁸ GS 61.

¹⁴⁹ GS 61.

¹⁵⁰ BRASIL; Constituição (1998), art. 205; Art. 227; Art. 229; CIC 795.

responsabiliza, por uma razão especial, com e pelo dever e o direito de educar, e reconhece o mesmo grau de comprometimento e responsabilidade da sociedade civil e da família¹⁵¹. Amparadas pela lei, as escolas cristãs no Brasil gozam de liberdade para cumprir seu dever no apoio às famílias igualmente responsáveis pela garantia do direito à educação¹⁵². Tanto para o Estado, quanto para a Igreja, a família tem a primazia do dever e do direito pela educação, além de gozar o direito de usufruir da colaboração, tanto do Estado, quanto da Igreja, ou seja, a família não está sozinha nesta gravíssima obrigação, neste disciplinado a serviço da pessoa humana, mas, ela pode contar com a comunidade em que está inserida, principalmente com uma educação cristã para seus filhos segundo a doutrina transmitida pela Igreja Católica¹⁵³.

As escolas cristãs também não estão sozinhas nesta gravíssima obrigação de educar. A exemplo da comunidade de São Justino, elas devem contar também com a providência divina e o apoio das comunidades cristãs que, em atenção às necessidades dos seus membros, com zelo, provisionem os recursos necessários para sua manutenção¹⁵⁴.

3.2

Princípios fundamentais da educação cristã

3.2.1

Natureza da educação cristã e seus objetivos axiomáticos e imediatos

Uma educação que pretende ser cristã, além da formação integral da pessoa humana, busca por sua maturidade, gera um ambiente escolar caracterizado pelo espírito evangélico de liberdade e amor, incorpora a cultura humana e o conhecimento à fé cristã na perspectiva da salvação e educa a partir de valores cujo fundamento e fim é Cristo¹⁵⁵. Esses são os objetivos axiomáticos sem os quais é

¹⁵¹ CIC 794 §1; CIC 1136;

¹⁵² Lei 13.868 de 2019. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/L13868.htm>: Acesso em: 22 mar. 2023.

¹⁵³ CIC 226 §2.

¹⁵⁴ SILVA, A.L.R. A atividade pedagógica de São Justino Mártir em Roma, p. 144.

¹⁵⁵ GE 1,2 e 8; DA 332.

impossível qualificar a educação como cristã. Da mesma maneira, também não se qualifica a educação cristã sem o desenvolvimento físico, social, cultural, moral, religioso, intelectual para toda e qualquer comunidade escolar, que compõe o todo da comunidade escolar cristã¹⁵⁶.

A declaração *Gravissimum educationis* do Concílio Vaticano II propôs a todos os batizados uma significativa reflexão sobre a contribuição com a educação, não como uma resposta pronta, muito menos imediata, mas como uma contribuição especial, com o objetivo de desenvolver os princípios da educação cristã sem desconsiderar a dimensão secular, teológica e espiritual¹⁵⁷. Não se trata de uma educação proselitista, mas de uma educação verdadeiramente integral, cuja dimensão espiritual não está isolada nem dissociada da dimensão secular e, por isso, é teológica, encarnada na história como Cristo Jesus, nosso Senhor.

É bela a missão de educar, como enfatiza o Concílio Vaticano II. Uma vocação que exige especiais qualidades, diligente preparação, constante renovação e grande capacidade de adaptação, afirma o concílio. Portanto, não se reduz a uma beleza meramente estética, mas viva, engajada, encarnada na história como Cristo, uma vocação que revela o Belo dos belos, tal como a maravilha trinitária que educa em seu mistério¹⁵⁸.

3.2.2

A unidade da Santíssima Trindade: modelo perfeito para a comunidade educativa cristã

A originalidade de nossa fé consiste em crer num Deus que é e que se revela como Pai, Filho e Espírito Santo. Para além do conceito de um ser supremo, ou sujeito absoluto, ou um grande arquiteto, ou até mesmo de um motor imóvel. A fé cristã contida no credo, a liturgia, os sacramentos, as orações eucarísticas, a doxologia, são sobretudo trinitárias. A Trindade imanente é a mesma que se revela nas etapas da economia da salvação, assim como expressa o axioma rahneriano: “a

¹⁵⁶ BRASIL; Constituição (1998), art. 210 § 1; art. 217, II; I CIC 795; CIC 1136.

¹⁵⁷ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã, III, 1 a. Disponível em:

<https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html>: Acesso em: 27 nov. 2022.

¹⁵⁸ GE 5.

Trindade econômica é a Trindade imanente e vice-versa"¹⁵⁹. Em suma, a Trindade é intrínseca à economia da salvação e, por isso, é chamada o coração do cristianismo. A Santíssima Trindade, autêntica comunidade de amor, educa com eficácia em seu mistério¹⁶⁰. Nela, podemos basear os princípios fundamentais para a educação cristã que, a partir da comunhão trinitária, pode encontrar a comunhão reclamada em cada área do conhecimento que aguarda por melhores integrações. Neste sentido, a educação que pretende ser cristã deve, além de se fundamentar em Cristo, enxergar na unidade da Santíssima Trindade o modelo perfeito (Jo 17,21) para seus projetos de formação humana, afinal, trata-se da formação humana e não de interesses econômicos, nem tão pouco das necessidades mercantis, como sugere o Documento de Aparecida¹⁶¹.

A teologia trinitária pode contribuir e responder à humanidade que a interpela com suas questões existenciais. Ela pode contribuir para que o ser humano se experimente criado, redimido e santificado dentro de sua liberdade. Diante da subjetividade pós-moderna a teologia trinitária não esmorece, nem titubeia, mas ao contrário, responde às interpelações sociais ao demonstrar a fé trinitária como fé num Deus Pessoa e Comunidade de Pessoas, que implica um modelo perfeito para toda a comunidade humana, sobretudo a comunidade cristã¹⁶².

As comunidades educativas cristãs devem receber todo apoio e recursos de suas mantenedoras para possibilitar uma autêntica experiência trinitária, repensando relações e conceitos de hierarquia, poder, serviço, unidade, integração e inclusão, onde o poder é entendido como serviço de uma hierarquia condicionada ao relacionamento, no qual a unidade integra e inclui as diversidades, sem as suprimir.

A educação cristã é uma extensão da Igreja, uma extensão da casa de Deus Pai da qual exorta Jesus, portanto, podemos dizer que é também um lugar teológico privilegiado para a formação humana e, por isso, requer a coragem de se moldar a partir de um modelo perfeito que cria a pessoa humana em comunhão, com amor, pelo amor e no amor.

¹⁵⁹ BINGEMER, M. C. L. Crer e dizer Deus Pai, Filho e Espírito Santo (algumas reflexões sobre a teologia trinitária hoje), p. 189 – 190.

¹⁶⁰ UR, 2.

¹⁶¹ DA, 328.

¹⁶² BINGEMER, M. C. L. Crer e dizer Deus Pai, Filho e Espírito Santo (algumas reflexões sobre a teologia trinitária hoje), p. 203 – 205.

Ao contemplar o mistério da Santíssima Trindade, encontra-se o melhor modelo de integração para a comunidade educativa a serviço da pessoa humana. Deus, em sua benevolência, quis se revelar e manifestar à humanidade o mistério de sua vontade e, por meio de Seu Filho, integrar o céu e a terra (Ef 1,9-10) e no Espírito Santo, integrar a natureza humana à sua natureza divina (Ef 2,18; 2Pd 1,4)¹⁶³. Na contemplação da Santíssima Trindade, este ensinamento se revela como uma integração perfeita a ser atualizada em nossas comunidades educativas. Aqui se manifesta a humildade do Pai que forma a comunidade educativa perfeita e integra a plenitude da pessoa humana, unindo-a à natureza divina¹⁶⁴, como descrito pelos Apóstolos (Ef 2,18; 2Pd 1,4), para superar as investidas capitalistas de grupos mercenários que propõem uma educação pautada em competências e habilidades de seus interesses em vista da lucratividade¹⁶⁵.

A contemplação da Santíssima Trindade não deve ser entendida como mera metodologia ideológica ou ainda como uma didática estratégica para romantizar a educação cristã (Is 29,13; Sl 78,36-37; Mt 15,8-9), mas como indicativa de uma espiritualidade autêntica, simples e sincera, com objetivos claros e honestos para a formação integral da pessoa humana, que é vocacionada a dar testemunho da esperança que nela reside (1Pd 3,15). Esta contemplação sincera conduzirá a comunidade educativa cristã a propagar os valores humanos que constituem benefícios preciosos para toda a sociedade¹⁶⁶.

3.2.3

O Magistério vivo da Igreja e sua contribuição para a educação no processo de formação integral da pessoa humana

A Educação cristã, a exemplo de nosso Mestre, Jesus Cristo, deve ser encarnada na história. Com essa afirmação queremos reafirmar a transcendência das relações, dos currículos e dos Projetos Político-Pedagógicos, que se inserem concretamente na história em que os estudantes vivenciam sua formação além dos

¹⁶³ DV, 2.

¹⁶⁴ DV, 2.

¹⁶⁵ DA, 329.

¹⁶⁶ GE, 2; LG, 36; GS 26.

saberes que devem ser adquiridos, dos valores que devem ser assimilados e das verdades que devem ser descobertas¹⁶⁷.

Fiéis aos ensinamentos apostólicos e zelosos por eles, nós cristãos procuramos imitar os belos exemplos contidos em suas memórias¹⁶⁸. Do evangelho extraímos a prática moral e santa do amor ao próximo, da alegria da vida, dos valores perenes, para alcançar a integralidade da educação que almejamos em sociedade, capaz de desenvolver plenamente o pensamento e a liberdade humana e, assim, humanizar o mundo, produzindo a cultura, transformando a sociedade enquanto a história passa a ser construída¹⁶⁹.

Impulsionadas para se adaptar às exigências da mudança global, muitas iniciativas e até mesmo muitos processos educacionais se veem reféns de um claro reducionismo antropológico, que deixou de ser uma simples ameaça para se tornar algo que se alastra de maneira cada vez mais extensa, em competências e habilidades de produção, competitividade e mercado¹⁷⁰, como indicados pela União Europeia, a OCEDE e o Banco Mundial¹⁷¹.

O Magistério vivo da Igreja, fiel a seu *munus docendi*, reforça a integridade da educação que não deve ceder à lógica tecnocrática e econômica e a suas tentativas de instrumentalizar o ensino a serviço do mercado. Não se trata de minimizar as exigências globais que se apresentam, ao contrário disso, trata-se de respeitar a pessoa em sua integralidade¹⁷². A Igreja, Mãe e Mestra, alerta para a necessidade de insistir no autêntico fim de toda escola¹⁷³, o qual – os padres conciliares afirmam –, entre todos os recursos educativos, ocupa o primeiro lugar. Nela os estudantes exercitam as competências intelectuais, desenvolvem a capacidade crítica, são introduzidos ao patrimônio cultural dos antepassados, adquirindo valores e são preparados para a vida profissional, convivem entre

¹⁶⁷ DA 329.

¹⁶⁸ JUSTINO de Roma, I Apol. 67.

¹⁶⁹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã, III, 1 e; DA 330. Disponível em:

<https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html#_Toc384723573>: Acesso em: 27. nov. 2022.

¹⁷⁰ DA, 328.

¹⁷¹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã, III, 1 e. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html#_Toc384723573>: Acesso em: 27. nov. 2022.

¹⁷² CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã, III, 1 e. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html#_Toc384723573>: Acesso em: 27. nov. 2022.

¹⁷³ DA, 329.

peças de diversas índoles e condições, em uma condição em que se favorece o desenvolvimento da compreensão recíproca entre as pessoas¹⁷⁴. Nas palavras do bondoso Angelo Giuseppe Roncalli, então Papa João XXIII, não basta despertar e formar a consciência dos deveres, mas também criar condições favoráveis ao seu cumprimento¹⁷⁵.

A Igreja, como Mãe e Mestra, obriga-se a educar integralmente seus filhos, propondo-se a colaborar com todos os povos em benefício de todos em vista de um mundo mais humano¹⁷⁶. Do mesmo modo, ensina que a integralidade da educação inclui a responsabilidade ambiental, que desperta uma criatividade generosa e dignificante¹⁷⁷. O Santo Padre, o Papa Francisco, aponta para a necessidade de educar para a responsabilidade ambiental, predispondo a Igreja ao mistério em que está seu sentido mais profundo. É maravilhoso o papel que a educação pode exercer no cuidado com a criação, incidindo direta e integralmente no meio ambiente. “Não pense que esses esforços são incapazes de mudar o mundo”, enfatiza o Santo Padre, já que essas ações se espalham pela sociedade em um bem que frutifica sempre além do que é possível constatar¹⁷⁸.

O Magistério da Igreja, atento aos sinais dos tempos e ciente de seu compromisso social, não mede esforços para orientar, acompanhar e favorecer as comunidades escolares em todo o mundo, tanto pelo Dicastério para a cultura e a educação, quanto pela iniciativa da reconstrução do Pacto Educativo Global convocado recentemente pelo Santo Padre, o Papa Francisco, desdobrando-se por meio de outros organismos competentes como o CELAM, por meio do CIEC e a CNBB, por meio da ANEC.

¹⁷⁴ GE, 5.

¹⁷⁵ XXIII JOÃO, P.P. Carta encíclica *Mater et magistram*, 227 - 228. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html>; Acesso em: 23 out. 2023.

¹⁷⁶ CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. A identidade da escola católica para uma cultura do diálogo, 13. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20220125_istruzione-identita-scuola-cattolica_po.html#_ftnref7>; Acesso em: 23. out.2022.

¹⁷⁷ LS, 211.

¹⁷⁸ LS, 210 – 212.

3.3

Mudança de época e sua resignificação pela educação cristã

3.3.1 O impacto do progresso científico e da inovação tecnológica

Embora a mudança de época que se vivencia e as rápidas aplicações dos progressos científicos e das inovações tecnológicas tenham trazido consigo contribuições fundamentais para o bem-estar das pessoas em geral, inclusive no campo da educação, não se pode ficar indiferentes às funestas consequências que assolam tantas pessoas de nosso tempo. Assim, doenças, medos e desesperos se propagam por toda parte, mesmo entre os países mais ricos, fazendo crescer a falta de respeito, a violência e a desigualdade social, e afetando a alegria da vida¹⁷⁹.

Esta tristeza se alastra impiedosamente e invade as nossas escolas, gerando um medo diante das novas exigências destas rápidas mudanças, que se transformam em fragmentação das prioridades em nome da aquisição de conhecimentos e habilidades de uma educação medíocre, funcional e instrumentalizada a serviço da economia de mercado e do trabalho. Ademais, é nesta realidade dicotômica que somos chamados a acolher, amar, decifrar e evangelizar¹⁸⁰.

A tristeza a que se refere o Santo Padre não é mérito exclusivo dos significativos avanços científicos e tecnológicos, mas sim, fruto da avassaladora oferta de consumo, da busca desordenada de prazeres e da consciência isolada de uma vida fechada em seus próprios interesses¹⁸¹. No entanto, torna-se também um contexto desafiador e oportuno principalmente para as escolas cristãs que, sendo uma autêntica comunidade de vida no Espírito Santo, podem ajudar a superar tais tristezas e abrir espaço para o Evangelho¹⁸². É uma verdadeira oportunidade para

¹⁷⁹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã, III, a. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html#_Toc384723573>: Acesso em: 27. nov. 2022.

¹⁸⁰ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã, III, e. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html#_Toc384723573>: Acesso em: 27. nov. 2022.

¹⁸¹ EG, 2.

¹⁸² CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã, III, b. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html#_Toc384723573>: Acesso em: 27. nov. 2022

apontar o Cristo Redentor que, de braços abertos, recebe a todos que dele desejam se aproximar.

O clima familiar e acolhedor, o empenho de todos os envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem e a aproximação com o Evangelho são características básicas para toda e qualquer comunidade educativa cristã, gerando uma verdadeira “aldeia que educa” e torna-se uma resposta concreta aos desafios globais que hoje nos afligem e nos desafiam. De fato, temos nos sentido atribulados, mas não enganados (2Cor 4, 8-9).

Pesquisadores do século passado utilizaram diversos termos para designar essa mudança de época: época Pós-Moderna (Jean-François Lyotard), Modernidade Inacabada (Hebermas), Neo-Modernidade ou crise de civilização (Sergio Paulo Rouante), Modernidade Radicalizada (Anthony Giddens), mudança epocal (Carlos Palacio), alteração no conceito de cultura (Zygmunt Bauman), reconstrução do sentido unitário do ser (Martin Heidegger), o que aponta para um mesmo ponto em comum, isto é, as profundas mudanças que estão ocorrendo em consequência de tal ruptura. Em meio aos desafios dessa mudança de época, deixa-nos perplexos a proposta do filósofo Luc Ferry, Ministro da Educação na França entre 2002-2004, por uma espiritualidade nova, que queira omitir o tema de Deus e da fé numa concepção filosófica que se apoia sobre a qualidade de vida para o ser humano que se entrega a si mesmo e às exigências de sua lucidez¹⁸³.

A proposta de uma espiritualidade laica que omite conscientemente o tema de Deus e da fé é um risco alto para as comunidades educativas cristãs que, em nome de uma falsa diplomacia e, por causa de um sério despreparo teológico-pastoral, vem se arrastando como uma serpente atenta a se aproximar de sua vítima para dar o bote. É preciso vigiar e discernir as emboscadas desse inimigo astuto e, com a simplicidade das pombas (Mt 10,16), como já alertava São Cipriano de Cartago¹⁸⁴, enquanto colaboradores de Deus Educador¹⁸⁵, trabalhar pela formação da pessoa por inteiro e ajudá-la nestes novos desafios que juntos atravessamos, certos de que

¹⁸³ BALBINOT, R. Gerir a escola católica com espiritualidade, p. 55 – 59.

¹⁸⁴ CYPRIEN, de Cathage. L'Unité de L'Église Catholique, nº 3.

¹⁸⁵ CL, 61. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html>: Acesso em 23 jan. 2023.

não há de nos faltar o apoio, pois a Mãe Igreja nos acolhe, o Magistério vivo não nos abandona e a oração dos fiéis discípulos de Cristo é atendida (Mt 18,20)¹⁸⁶.

Como levamos um tesouro em vaso de barro (2Cor 4,7), lembramo-nos das palavras de nosso Senhor Jesus Cristo: “amai-vos uns aos outros, como eu vos amei” (Jo 13,34). Pequenos e frágeis como o vaso de barro, carregamos esse tesouro tão valioso. As palavras do Apóstolo Paulo nos revelam um caminho a seguir, que nos permite chegar à beleza transformadora da Alegria Evangelho contida no âmago da educação cristã.

No exercício de seu *munus docendi*, mediante uma pedagogia experiencial, participativa e transformadora¹⁸⁷, interpelada pela alegria do Evangelho¹⁸⁸, as escolas cristãs precisam se organizar, mediante a assimilação sistêmica e crítica da cultura para se tornar um lugar privilegiado para a formação integral das pessoas¹⁸⁹. Para tanto, se propõe um currículo evangelizador não proselitista. Um dos maiores desafios é traduzir o mandamento de Cristo (Jo 13,34) em todo o processo de ensino e aprendizagem, desde a gestão e até alcançar cada um dos membros desta “aldeia que educa” e evangeliza¹⁹⁰.

Neste sentido, o conhecimento aprofundado e a clareza do Projeto Político Pedagógico precisam ser uma realidade. O Projeto Político Pedagógico de qualquer escola não pode ser mera burocracia registrada, validade e arquivada, ao contrário, precisa ser de fácil acesso e, no que diz respeito à escola cristã, sua característica confessional deve colaborar na construção do diálogo intercultural, ajudando cada aluno a crescer em humanidade, responsabilidade civil e na aprendizagem¹⁹¹. A Base Nacional Comum Curricular pode servir de apoio neste propósito.

¹⁸⁶ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 12, tradução nossa.

¹⁸⁷ CELAM. Santo Domingo, 119.

¹⁸⁸ EG, 1 – 3.

¹⁸⁹ BALBINOT, R. Gerir a escola católica com espiritualidade, p. 12 – 13.

¹⁹⁰ BALBINOT, R. Gerir a escola católica com espiritualidade, p. 21.

¹⁹¹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã, 6. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html#_Toc384723573>: Acesso em: 27. nov. 2022

3.3.2

Ressignificação a partir do Projeto Político Pedagógico e do currículo evangelizador das escolas cristãs

Como resultado de um longo processo de discussões com diversos setores da sociedade brasileira, construído por milhares de mãos como um documento normativo nacional em vista de uma educação com maior qualidade para todos, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC – define as aprendizagens essenciais a que os alunos têm direito. Para alcançar esta finalidade, é esperado que cada comunidade escolar se esforce por conhecer, dominar e aplicar a tarefa coletiva, bem organizada e planejada do processo ensino-aprendizagem¹⁹².

A BNCC não é currículo. É um documento normativo, um conjunto de referências para a elaboração curricular. A BNCC serve como base para a construção, a revisão, a atualização e a consolidação do currículo escolar, com suas opções metodológicas e organizacionais, tornando-se útil como base para a escolha de livros didáticos e as diferentes formas de estruturação do trabalho escolar, inclusive confessionais, acrescentamos¹⁹³.

A BNCC respeita a autonomia da escola e seus professores quanto ao primado de suas decisões curriculares e sua implementação¹⁹⁴. Esta autonomia é fundamental para a construção de um currículo evangelizador não proselitista e para a revisão do Projeto Político Pedagógico. O currículo evangelizador da escola cristã deve ser concebido como mediações educativas e pastorais que cumpram suas exigências pedagógicas plenamente alinhadas com as exigências pastorais numa verdadeira e recíproca comunhão, de modo que possa promover um diálogo transparente e fecundo entre as diferentes ciências, e então, preparar bem a comunidade escolar¹⁹⁵.

A elaboração de um currículo evangelizador não é tarefa fácil, porque requer a compreensão de alguns elementos fundamentais à missão evangelizadora e à ação educativa, a saber¹⁹⁶:

¹⁹² CALEGARI, C. A construção da BNCC. In: BNCC na prática, p. 7.

¹⁹³ CALEGARI, C. A construção da BNCC. In: BNCC na prática, p. 12 – 16.

¹⁹⁴ CALEGARI, C. A construção da BNCC. In: BNCC na prática, p. 14.

¹⁹⁵ CIEC. Projeto educativo pastoral para a Escola Católica da América, p. 61.

¹⁹⁶ CIEC. Projeto educativo pastoral para a Escola Católica da América, p. 61 – 63.

- a) enfoque antropológico: compreende a pessoa em sua integralidade como ser corpóreo-espiritual capaz de raciocinar, imaginar, transformar, criar e sentir, valoriza a pessoa como fim e jamais como um meio ou um instrumento. A escola é um dos lugares primordiais para o desenvolvimento humano, passando pela progressiva sistematização dos campos de experiências¹⁹⁷ até o desenvolvimento dos alunos, suas relações interpessoais e com o mundo¹⁹⁸ e seus projetos de vida¹⁹⁹ e, por isso, um campo fecundo para o propósito evangelizador, uma verdadeira oportunidade para o desenvolvimento da civilização do amor²⁰⁰.
- b) enfoque teológico: compreende que a fé não substitui a autenticidade humana, mas a entende e a transforma pela luz da Palavra de Deus, que é Jesus Cristo, o modelo perfeito para os seres humanos²⁰¹, fundamento e fim da escola cristã²⁰². No ambiente escolar crianças e adolescentes vivenciam experiências de relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo²⁰³, novas descobertas e interações que provocam questionamentos existenciais como: “de onde viemos?”, “qual o sentido da vida?”, ou ainda sobre a origem do universo, questões que interagem com os princípios e valores da fé e propiciam o encontro com a boa nova do Evangelho.
- c) enfoque ético: compreende que, por meio dos valores, os princípios e ideais que inspiram e orientam as pessoas e as coletividades ganham sentido e ressignificam a própria existência. A educação encontra nesse enfoque uma missão particular. Ela pode contribuir com a consolidação

¹⁹⁷ BNCC, p. 40-43. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

Acesso em: 10 fev. 2023.

¹⁹⁸ BNCC, p. 57-62. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

Acesso em: 10 fev. 2023.

¹⁹⁹ BNCC, p. 462-463. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

Acesso em: 10 fev. 2023.

²⁰⁰ JOÃO PAULO II, PP. Diálogo entre as culturas para uma civilização do amor, 20. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20001208_xxxiv-world-day-for-peace.html>: Acesso em: 10 fev.2023.

²⁰¹ GE, 2

²⁰² DA, 332.

²⁰³ BNCC, p. 58. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

Acesso em: 10.02.2023.

do humanismo integral que aprecia e reconhece o conhecimento e a diversidade cultural e os valores espirituais das diversas civilizações²⁰⁴.

- d) visão ecológica: compreende a integralidade e a reciprocidade da criação em Deus. A escola também é o lugar favorável para uma autêntica conversão ecológica, a partir de itinerários pedagógicos reordenados numa ética ecológica que visa ao crescimento efetivo da solidariedade e da responsabilidade com nossa Casa Comum²⁰⁵.
- e) Dimensão utópica: compreende os sonhos, as esperanças, as aspirações e as lutas que anseiam pela construção de uma humanidade em comunhão, onde a justiça e a paz se encontram com a boa nova da alegria do Evangelho. A escola é o lugar em que necessariamente a criança é questionada sobre os seus sonhos, quando ouve “o que você quer ser quando crescer?” por isso, é um dos ambientes mais adequados para a reflexão sobre as orientações que a façam descobrir sua vocação²⁰⁶, juntamente com o caminho para melhor realizá-la.
- f) Dimensão sociopolítica: compreende uma cidadania ativa e comprometida com o bem comum em conformidade com o mandamento do amor. A comunidade escolar deve, portanto, empenhar-se pelo exemplo e testemunho desse comprometimento, sendo modelo para as crianças e adolescentes e o lugar ideal para o ensino do respeito por outras culturas, descobrindo a riqueza da história dos outros e seus valores, conduzido pelos valores e limites de nossa própria cultura²⁰⁷.

Esses enfoques epistemológicos são instrumentos importantes para a promoção do encontro e o diálogo entre as ciências com o propósito educativo evangelizador²⁰⁸. Neste intuito, convém destacar a possível colaboração

²⁰⁴ JOÃO PAULO II, Papa. Diálogo entre as culturas para uma civilização do amor, 20. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20001208_xxxiv-world-day-for-peace.html>: Acesso em: 10.02.2023.

²⁰⁵ LS, 210.

²⁰⁶ BNCC, p. 62. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 10.02.2023.

²⁰⁷ JOÃO PAULO II, Papa. Diálogo entre as culturas para uma civilização do amor, 20. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20001208_xxxiv-world-day-for-peace.html>: Acesso em: 10 fev. 2023.

²⁰⁸ CIEC. Projeto educativo pastoral para a Escola Católica da América, p. 61.

interdisciplinar dos teólogos e da teologia para com a educação²⁰⁹. Na prática, a construção de um currículo evangelizador precisa integrar as áreas do conhecimento, seus componentes curriculares e competências específicas para dialogar com os valores teológicos contidos no Evangelho. Em termos gerais, a evangelização e o currículo escolar podem ser complementados em favor da formação integral da pessoa humana nas escolas cristãs. A Igreja entende que a educação faz parte de um amplo projeto pastoral de uma “Igreja em saída”, que acompanha a humanidade em todos os seus processos, propondo um caminho de amadurecimento nos valores e com paixão educativa²¹⁰.

Para tornar essas iniciativas uma realidade, o Projeto Político Pedagógico das escolas cristãs precisa ser bem elaborado, com uma linguagem clara e transparente sobre seu caráter pedagógico-confessional. É muito importante, inclusive, que cada membro da comunidade educativa confessional tenha acesso ao PPP, o estude com profundidade e seriedade²¹¹, com clareza dos objetivos institucionais e a consciência de pertença a esta comunidade educativa com sua mantenedora.

Essa proposta em resposta aos desafios e oportunidades dos últimos tempos nos remete à ideia da Aldeia global educativa apresentada pelo Santo Padre, o Papa Francisco, em sua convocação para o Pacto Educativo Global. O PPP, alinhado a BNCC e aos propósitos institucionais confessionais das mantenedoras de redes de escolas cristãs, torna-se um instrumento significativo e fundamental no apoio pedagógico, missionário e evangelizador da educação cristã que, em meio às diversidades psicológicas, sociais, culturais e religiosas, deve brilhar com a luz de Cristo e dar sabor à vida de todos os participantes do processo ensino-aprendizagem (Mt 5,13-14)²¹².

²⁰⁹ CAPES AREA 44: Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf>>. Acesso em: 19.03.2022.

²¹⁰ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. A identidade da escola católica para uma cultura do diálogo, 31. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20220125_istruzione-identita-scuola-cattolica_po.html#_ftnref7> Acesso em: 23. out. 2022.

²¹¹ CALEGARI, C. A construção da BNCC. In: BNCC na prática, p. 7 – 8.

²¹² CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã, II, 5. Disponível em:

<https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html#_Toc384723573>. Acesso em: 27. nov. 2022

Essas diferenças não devem ser escondidas ou negadas, mas consideradas como oportunidades e dom para que as diversas situações de pobreza que precisam e devem ser reconhecidas não se transformem em desigualdades paralisantes. Trata-se de levar a termo a inclusão. “Não é tarefa fácil para as escolas. Quem tem mais dificuldade, é mais pobre. É necessário que a comunidade escolar seja preparada para identificar essa diversidade de pobrezas no ambiente escolar, sem, contudo, desprezar o empobrecimento econômico, ambos devem ocupar o centro da atenção e do carinho da escola²¹³.

3.3.3

Iniciativas institucionais eclesiais e privadas de apoio às escolas cristãs

É próprio da educação a capacidade para construir as bases para um diálogo pacífico e a promoção do encontro entre as diversidades em vista do enriquecimento mútuo para a edificação de um mundo melhor²¹⁴. Exige-se muito da comunidade escolar e, para atender a essas expectativas, o Dicastério para a cultura e educação, o CELAM e a CNBB promovem diversos congressos, encontros e eventos formativos, além de diversas publicações. Também há iniciativas privadas com metodologias pensadas e estruturadas para apoiar as escolas cristãs e que merecem nossa atenção:

- a) Publicação do Dicastério para cultura e educação: Educar hoje e amanhã uma paixão que se renova (Instrumentum laboris); Educar ao humanismo solidário; A identidade da escola católica para uma cultura do diálogo, entre outras publicações²¹⁵.
- b) CELAM: Textos conclusivos das Conferências Episcopais Latino-Americana; CIEC: Congressos Interamericanos, Conferências Globais,

²¹³ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar hoje e amanhã, II, 5 – 6.

Disponível em:

<https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html#_Toc384723573>: Acesso em: 27. nov. 2022

²¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar ao humanismo solidário, 15.

Disponível em:

<https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html> : Acesso em 27 nov. 2022

²¹⁵ Dicastério para a cultura e educação. Disponível em:

<https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/index_po.htm>: Acesso em: 27 nov. 2022.

Projeto Educativo Pastoral para a Escola Católica da América, revistas, entre outras iniciativas²¹⁶;

- c) CNBB: Pastoral para Cultura e Educação: assessorias, encontros regionais e nacionais, Campanhas da Fraternidade²¹⁷; ANEC: revistas; congressos nacionais; encontros regionais, fóruns entre outras iniciativas²¹⁸;
- d) Iniciativas privadas: assessorias e consultorias especializadas na Educação Católica; Editoras católicas com equipes dedicadas exclusivamente ao atendimento e apoio das Mantenedoras e escolas cristãs que, além de publicações, oferecem consultorias e assessorias confessionais; projetos e metodologias específicas para o desenvolvimento da escola em pastoral; encontros nacionais para gestores de Mantenedoras e Redes; jornadas pedagógicas confessionais; formações permanentes; palestras com especialistas; podcasts, entre outras iniciativas.

Dentre essas iniciativas tão significativas, sugerimos alguns destaques mais peculiares, como os Programas da Pastoral da Educação desenvolvidos pelo CIEC; Campanhas da Fraternidade sobre a educação e ENAPE, promovidos pela CNBB e pela iniciativa privada, a Metodologia C.H.A.V.E. e os Ensaios sobre liderança profética e servidora.

A Confederação Interamericana de Educação Católica publicou em 2018 seu Projeto Educativo Pastoral para a Escola Católica da América, composto em três partes:

- 1) contextualização da Escola Católica na mudança de época;
- 2) Educação e Escola Católica;
- 3) A missão continental de Aparecida nos atores da Escola Católica.

Ao final do Projeto, a CIEC apresenta 12 sugestões de programas pastorais educativas e os passos necessários para a elaboração de novos projetos²¹⁹.

²¹⁶ CIEC. Disponível em: <<https://ciec.edu.co/>> Acesso em: 05 nov. 2022.

²¹⁷ CNBB. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/quem-somos-setor-educacao/>>: Acesso em 05 nov. 2022.

²¹⁸ ANEC. Disponível em: <<https://anec.org.br/>>: Acesso em: 05 nov. 2022.

²¹⁹ CIEC. Projeto educativo pastoral para a Escola Católica da América, p. 87 – 94.

No Brasil, com o propósito de promover diálogos a partir da realidade educativa nacional, à luz da fé cristã, a CNBB realizou algumas Campanhas da Fraternidade sobre a educação. Desde sua criação, foram realizadas três Campanhas para aprofundar o tema da educação: a primeira, em 1982 (Educação e Fraternidade: a verdade vos libertará), depois em 1998 (Fraternidade e Educação: a serviço da vida e da esperança) e recentemente em 2022 (Fraternidade e Educação: fala com sabedoria e ensina com amor” – Pr 31,36). Esta última foi marcada pela pandemia de COVID-19 e impulsionada pela convocação do Papa Francisco para a reconstrução do Pacto Educativo Global²²⁰.

Ainda em 2022, nos dias 19 e 21 de agosto, a CNBB realizou o XXI Encontro Nacional da Pastoral da Educação – ENAPE – proposto pela comissão nacional da Pastoral da Educação, com o objetivo de dialogar sobre a realidade nacional da educação em todo o território nacional, indicando caminhos para o fortalecimento e a presença evangelizadora da Igreja nos múltiplos espaços educativos²²¹. O encontro reuniu educadores de todo o país e, ao final, lançou a “Carta de Goiânia – Cremos na Educação” que reconhece o comprometimento dos educadores durante a pandemia, “fundamental para que as consequências fossem menos devastadoras no campo educativo” com a denúncia dos descompromissos das autoridades com a educação²²².

Entre as iniciativas privadas voltadas ao apoio efetivo para com a Educação Católica no Brasil, foi apresentada, em 2015, uma proposta metodológica em busca de caminhos para a realização da chamada conversão pastoral²²³, pelo Documento de Aparecida²²⁴, intitulada Metodologia C.H.A.V.E.²²⁵ qual iniciativa pedagógica pastoral representada pelo acróstico, que reúne competências, habilidades, atitudes, valores e espiritualidade, em um desdobramento do conceito administrativo C.H.A. (competências, habilidades e atitudes) agregado aos valores e a espiritualidade cristã²²⁶.

²²⁰ CNBB. Campanha da Fraternidade 2022.

²²¹ CNBB. Texto de trabalho, p. 7. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2022/06/E-Book_ENAPE_2022.pdf>: Acesso em: 08 ago. 2022.

²²² CNBB. Carta de Goiânia – Cremos na Educação. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/carta-do-xxi-encontro-nacional-da-educacao-denuncia-o-descompromisso-das-autoridades-com-a-educacao/>>: Acesso em: 22. out.2022.

²²³ DA, 365 – 370

²²⁴ DA, 365 – 370.

²²⁵ BALBINOT, R. Gerir a escola católica com espiritualidade, p. 187 – 190.

²²⁶ BALBINOT, R. Gerir a escola católica com espiritualidade, p. 94 – 95.

Motivados pelas palavras do Papa Francisco sobre o serviço como único caminho de liderança²²⁷, outra iniciativa significativa que se demonstra comprometida com uma educação cristã integral se verificou entre os ensaios sobre a liderança profética e servidora que, publicados recentemente, se propõem a refletir sobre as práticas de uma escola em pastoral e com humildade deseja servir de motivação, consulta e referência²²⁸. Há ainda outras iniciativas, de diversas mantenedoras que se esforçam para fazer de seus trabalhos junto à educação uma autêntica evangelização que manifeste o Cristo Redentor que redime a humanidade também por meio do trabalho, inclusive, de uma forma muito especial, pela educação. Uma verdadeira e excelente oportunidade para os teólogos e para a Teologia²²⁹. Esses são apenas alguns exemplos para evidenciar as boas práticas em plena realização e que tem atingido resultados integrais e significativos.

Há, no entanto, de se tomar o devido cuidado com certas ofertas de apoio que nada têm em comum com os propósitos das escolas cristãs, mas que enxergam nessas necessidades apenas o interesse comercial sufocado pela oportunidade dos negócios, do lucro fácil e pela ambição mesquinha que “denotam claro reducionismo antropológico, visto que concebem a educação preponderantemente em função da produção, da competitividade e do mercado”²³⁰. Um verdadeiro desserviço para com as comunidades educativas em geral, não apenas confessionais.

Por outro lado, entre tantas iniciativas, merece significativo destaque o empenho do Papa Francisco, que nos provoca a repensar o modo como educamos, ao mesmo tempo em que nos convoca a reconstruir o Pacto Educativo Global. No dia instituído pela UNESCO como Dia Mundial dos Professores, o Papa Francisco, em nome das religiões, ao manifestar sua gratidão e solicitude a todos os professores e pela educação, reforçou seu apelo sobre a necessidade de reconstruir o Pacto

²²⁷ INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. Vozes Marista: ensaios sobre liderança profética e servidora, p. 22.

²²⁸ INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. Vozes Marista: ensaios sobre liderança profética e servidora, p. 12 – 13.

²²⁹ CAPES AREA 44: Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf>>: Acesso em: 19 mar. 2022.

²³⁰ DA, 328.

Educativo Global e a necessidade de dialogar sobre o futuro de nosso planeta que passa necessariamente pela educação²³¹.

3.3.4

Pacto Educativo Global: uma resposta às crises e oportunidades desta mudança de época

Atento aos sinais dos tempos, o Papa Francisco convocou a todos, sem exceção, para a reconstrução do Pacto Educativo Global, assumindo a corresponsabilidade como meio pelo qual se pode criar a verdadeira fraternidade²³², pois na família, na Igreja e na sociedade a formação integral da pessoa humana precisa ser buscada como algo que harmoniza o desenvolvimento intelectual, físico, moral e cultural das pessoas²³³.

“Vizinhos, mas não irmãos”. Com estas palavras o Papa Bento XVI no apresentou uma triste constatação: “A sociedade cada vez mais globalizada tornou-nos vizinhos, mas não nos fez irmãos²³⁴”. Uma globalização que criou redes, porém, não possibilitou a consciência de pertença a uma mesma humanidade²³⁵. Com o objetivo de somar forças por uma educação inclusiva e humanizada, o Papa Francisco reforça em seu convite a necessidade de coragem para colocar no centro da educação a pessoa, de investir as melhores energias com criatividade e responsabilidade, e a coragem de formar pessoas disponíveis para servir a comunidade²³⁶.

O apelo do Santo Padre, o Papa Francisco, tem alcançado resultados registrados em diversas iniciativas e projetos pelo Brasil e pelo mundo, como por

²³¹ Francisco, P.P. Discurso: Encontro “Religiões e Educação: Pacto Educativo Global” Discurso do Papa Francisco. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.html>> Acesso em: 22 mai. 2022.

²³² ANEC. A Igreja no Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global. Orientações gerais, p. 10. Disponível em: <<https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Pacto-Global-Orientacoes-Gerais.pdf>> Acesso em: 22 mai. 2022.

²³³ CIC, 1136.

²³⁴ CV, 19. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html> Acesso em: 18 set.2022.

²³⁵ ANDRADE, R. F. (Org.) Pensar o presente e o futuro da educação, p. 64 – 65.

²³⁶ FRANCISCO, P.P. Mensagem do papa Francisco para o lançamento do pacto Educativo Global. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html> Acesso em: 16 ago. 2022.

exemplo, a participação da estudante Taxai Suruí na COP 26, o Projeto Socioambiental de Ensino Religioso sob o título “O lixo nosso de cada dia” e ainda um “Manifesto pelo pacto Educativo Global”:

- a) A jovem estudante de Direito Taxai Suruí, filha do Cacique Almir Suruí, do estado de Rondônia e membro do povo Paiter Suruí, fundadora do Movimento da Juventude Indígena, denunciou: “enquanto vocês estão fechando os olhos para a realidade, o guardião da floresta Ari Uru-Eu-Wau-Wau, meu amigo de infância, foi assassinado por proteger a natureza”²³⁷.
- b) O lixo nosso de cada dia: o projeto socioambiental motivado pelo Pacto Educativo Global, com o objetivo de reavivar o compromisso para as novas gerações em vista de renovar a paixão por uma educação mais aberta, inclusiva e fraterna se compromete com a sociedade onde está inserido. É aplicado desde a educação Infantil até o Ensino Médio, engajando todos os alunos e colaboradores da comunidade educativa com toda a comunidade local²³⁸.
- c) O Manifesto pelo Pacto Educativo Global: composto por relatos de Boas Práticas, engaja instituições e igrejas com as indicações dos principais documentos do Magistério da Igreja²³⁹.

Toda essa mobilização não pode ser entendida como mera atividade, mas visa à conscientização e ao comprometimento da família humana pelo bem comum, ou seja, envolve atitudes autênticas que favorecem o cuidado com nossa Casa Comum. A presente mudança de época que atravessamos, apesar dos seus significativos avanços científicos e tecnológicos, carece de uma melhor consciência da grave crise cultural e ambiental que precisa se traduzir em novos hábitos²⁴⁰.

Muitos santos e santas, dentre os quais se destacam vivamente diversos fundadores de Congregações de Vida Consagrada dedicadas à educação, ressignificam as conjunturas em nossos dias, uma vez que não tratam de estratégias

²³⁷ ANDRADE, R. F. (Org.) Pensar o presente e o futuro da educação, p. 122 - 123.

²³⁸ Podcast Integra Concessionais: O Pacto Educativo Global e o Meio ambiente. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3w5Y7UvJFrO4iU7QwSvzFF?si=Ayl0ZWfeQsq9CGbGZeQT3g&utm_source=whatsapp>: Acesso em 07 mar. 2022.

²³⁹ Manifesto pelo Pacto Educativo Global. Disponível em: <<https://conteudoaberto.ftd.com.br/home-professor/conteudos-formativos/ebooks/manifesto-pelo-pacto-educativo-global/>>: Acesso em: 16 ago. 2022.

²⁴⁰ LS, 209.

mercantis de grupo corporativo, mas sim de um dom dado por Deus, que se realiza plenamente quando é compartilhado entre a comunidade cristã para o benefício de todos²⁴¹.

3.3.5

A relação teológica entre a educação confessional católica e a gestão

O desenvolvimento integral da pessoa humana, ou como introduzido na *Populorum Progressio*: “o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens”²⁴², neste contexto globalizado de mudanças de época que atravessamos, aponta para uma relação oportuna e frutuosa entre as ciências da educação, da teologia e da gestão. Formar o homem todo e todos os homens, ou seja, formar sujeitos íntegros e humanizados, capazes de respeitar a identidade, a cultura, a história, a religião e, sobretudo, os sofrimentos e necessidades dos outros²⁴³, exige a formação de uma consciência que compreenda que todos são responsáveis por todos e, gerir esta formação não é uma tarefa simples, principalmente para as escolas cristãs; no entanto, este desafio abre precedentes fundamentais e relevantes para a relação sadia entre as ciências da educação, da teologia e da gestão.

A etimologia da palavra educar, da qual procede a palavra educação, remete a termos em comum com as ciências da teologia e da gestão, o que favorece o diálogo e o relacionamento entre estas três ciências. Do latim *educere*, educar significa, além de instruir, o mesmo que conduzir, ou levar para fora, significa também dar à luz e, ainda, cuidar, manter e sustentar²⁴⁴. O ponto em comum destas palavras permite vislumbrar resultados reflexivos, produtivos e significativos que comungam dos objetivos desta nossa pesquisa.

“Se, como disse Wilhelm von Humboldt, a finalidade da formação (Bildung)

²⁴¹ FRANCISCO, P.P. Audiência Geral. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20141001_udienza-generale.html>: Acesso em: 10 set. 2022.

²⁴² PAULO VI, Papa. *Populorum Progressio*, 14. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>. Acesso em: 23.04.2023.

²⁴³ CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar juntos na escola católica. Missão partilhada de pessoas consagrada e fiéis leigos, 44.

²⁴⁴ SARAIVA, F.R.S. *Educere*. In: QUICHERAT, L. *Novissimo dicionário latino-português*, p. 405; FARIA, E. *Educere*. In: *Dicionário escolar latino-português*, p. 337. HOUAISS, A. *Educar*. *Dicionário de língua portuguesa*, p. 722.

consiste em aperfeiçoar e aumentar o conteúdo do conceito de humanidade em cada pessoa, a gestão escolar é a organização e o gerenciamento da escola para que isso se torne possível em larga escala”²⁴⁵.

Esta organização e gerenciamento necessitam considerar dois processos de gestão, que são fundamentais: a tomada de decisões e sua operacionalização. Tomar decisões é fundamental para a condução de uma missão e, operacionalizá-las, ou seja, torná-las praticáveis, significa traçar os caminhos desta condução, para que a missão se realize de fato. No entanto, é nestes processos que muitas mantenedoras podem encontrar maiores dificuldades. No processo de tomada de decisões, muitas vezes, os critérios subjetivos, emocionais e pessoais predominam sobre os critérios fundantes e originais da missão e, na operacionalização, as pessoas envolvidas tendem a fazer o que querem e não o que precisa ser feito²⁴⁶. Para casos como estes, destacam-se as orientações de Peter Drucker: o gestor deve empenhar-se a responder às seguintes perguntas: o que precisa ser feito? E, o que é correto para esta instituição? Drucker orienta a elaborar planos de ação, responsabilizar-se pelas decisões, comunicá-las a todos os envolvidos, concentrar-se nas oportunidades e não nos problemas, realizar reuniões produtivas e sempre dizer *nós* e não *eu*²⁴⁷.

Administrar os negócios institucionais confessionais está longe de ser uma tarefa simples, pois exige muito além das habilidades gestoras e particulares de cada setor, seja ele na educação, ou mesmo na saúde, entre outros importantes empreendimentos. Ao vislumbrar esta relação teológica entre a educação confessional católica com a gestão, quer-se identificar seus aspectos comuns e relacioná-los no exercício missionário, pedagógico e gestor destas instituições.

A teologia, enquanto ciência, tem a tarefa do *auditus fidei* e do *intellectus fidei*, ou seja, escutar as fontes e refletir sobre os dados colhidos, sempre buscando maior compreensão dos dados da fé²⁴⁸ e, semelhante aos processos fundamentais da gestão, apresentados por Drucker, deve assumir os processos de tomadas de decisões e suas operacionalizações, ou seja, suas realizações. Na prática, estas habilidades, quando relacionadas entre si, contribuem mutuamente para com a

²⁴⁵ BALBINOT, R. Educação e gestão em transcendência, p. 214.

²⁴⁶ BALBINOT, R. Educação e gestão em transcendência, p. 215.

²⁴⁷ BALBINOT, R. Educação e gestão em transcendência, p. 215.

²⁴⁸ CNBB. Teologia e Ensino, 49.

perenidade identitária e carismática da educação confessional católica, que nasce de um carisma fundante e deve nele permanecer, como enfatiza Murad²⁴⁹.

É necessário inovar a gestão escolar católica. Muitas escolas confessionais não acompanharam as mudanças do mercado profissional, adaptaram-se a algumas exigências à medida que afetavam seus processos internos, mas pouco avançaram neste sentido. Segundo Balbinot, este fenômeno talvez tenha acontecido por resquícios da atitude antimoderna do período anterior ao Concílio Vaticano II²⁵⁰. Esta inovação a que nos referimos, não significa descartar a história da instituição, ou a tradição, muito menos reinventar o carisma, mas, incorporar às contribuições da gestão profissional e da teologia e se abrir a novos caminhos para uma finalidade criativa aos seus carismas²⁵¹ e, a exemplo de seus fundadores, se reposicionar nas mais variadas e atuais conjunturas e até mesmo se reinventar, sem perder sua identidade e seu carisma fundante.

Em 2010, ao refletir sobre o futuro da educação, Balbinot indicava uma confluência necessária entre tradição no ensino, os valores e a espiritualidade com o profissionalismo e a excelência²⁵² e afirmava que as escolas confessionais deveriam agir para potencializar as forças que foram conquistadas ao longo de sua história e desenvolver o perfil profissional de seus colaboradores com foco na excelência. Mais recentemente, em 2018, Balbinot reafirmou seu posicionamento e acrescentou a necessidade da eficácia da gestão escolar com espiritualidade integrada à sua fonte primeira e à sua razão de ser:

“O que precisa ser feito está relacionado à razão última de ser de uma missão/instituição, sua fonte primeira. Na tomada de decisões e nos processos de operacionalização das decisões, é necessário reclamar continuamente a presença da fonte mais profunda, a que emana do manancial da experiência de encontro das necessidades humanas com a proposta divina”²⁵³.

Alcançar esta finalidade exige atitudes fundamentais: a) responder ao que precisa ser feito; b) compreender como esta resposta se relaciona aos princípios institucionais e à sua fonte primeira, à sua essência; c) tomar decisões a partir destas respostas e operacionalizá-las. Estas atitudes correspondem aos princípios

²⁴⁹ MURAD, A. Gestão e espiritualidade, p. 86.

²⁵⁰ BALBINOT, R. Educação e espiritualidade, p.66. O que nos chamou a atenção nesta leitura é que a observação do autor data de 2010, no entanto, é possível, ainda hoje, presenciar em algumas escolas esta constatação.

²⁵¹ MURAD, A. Gestão e espiritualidade, p. 87.

²⁵² BALBINOT, R. Educação e espiritualidade, p.67.

²⁵³ BALBINOT, R. Educação e gestão em transcendência, p. 226.

etimológicos da educação: conduzir, instruir e sustentar, palavras-chave que contribuem nesta relação teológica entre a educação e a gestão.

A gestão escolar, semelhante à gestão de empresas e outras instituições, atua entre departamentos, setores ou coordenações, com cargos e funções específicas, e não deve depender das habilidades de um único gestor, de um chefe. Esta gestão deve ser humanizada, compartilhada e servidora²⁵⁴. Em sua analogia, Balbinot traz a perícopa de Ex 18, 13-27. Nesta narrativa é possível identificar alguns elementos fundamentais para a gestão escolar. Logo que saiu com o povo do Egito, Moisés os reuniu para julgar seus casos, desde os mais simples até os mais complexos. Esta reunião durou um dia inteiro, “desde o amanhecer até o pôr do sol” (Ex 18,13) e não foi nada eficaz. Era necessário inovar como sugerido por Jetro, sogro de Moisés que, ao observar a gestão de seu genro, sugeriu a ele uma reorganização mais bem planejada e estratégica, sem perder a espiritualidade e a essência de sua missão libertadora (Ex 18, 19-21). Balbinot extrai três aspectos relevantes desta narrativa para a gestão escolar²⁵⁵:

- a) A subdivisão da gerência em partes suficientes para que a instituição consiga realizar a visão, a missão e os valores com eficácia;
- b) A escolha por gestores integrados à visão, missão e valores da instituição, considerando as competências da fidelidade e confiabilidade que garantem sua atuação na realização da missão;
- c) A entrega dos instrumentos de gestão: estatutos e leis, caminhos a seguir, ações a realizar.

A gestão é uma aprendizagem exigente e constante. Exige serenidade, humildade, empatia, esperança, paciência, discernimento e bom senso²⁵⁶. Aos gestores é necessário vencer a tentação da onipotência e desenvolver a gestão cooperativa. Segundo Murad, estas exigências se aplicam a todas as instituições, sobretudo às religiosas.

“O fato de receber uma missão por unção divina não dá a ninguém o direito de ser autoritário e onipotente. Essas características doentias não condizem com os “frutos do Espírito” (Gl 5,22ss.). A gestão cooperativa é o “remédio institucional” para a tentação da onipotência e do autoritarismo, pois, limita o poder do gestor/pastor, estimula o controle social amplo e favorece a proatividade das

²⁵⁴ Sobre a liderança servidora sugerimos a leitura do livro: Vozes Marista: ensaios sobre liderança profética e servidora.

²⁵⁵ BALBINOT, R. Educação e espiritualidade, p.68-69.

²⁵⁶ MURAD, A. Gestão e espiritualidade, p. 194.

peças”²⁵⁷.

Os gestores das escolas confessionais católicas precisam aprender com Jesus a não se entregarem à lógica perversa do tentador e, diante dos sucessos ou fracassos, com humildade, reafirmarem-se na oração, a cada dia, aceitando que Deus é o Senhor da história do mundo, da história da instituição, da história das pessoas²⁵⁸. A relação teológica entre a educação confessional católica e a gestão, inspirando o seu projeto educativo na comunhão eclesial²⁵⁹, é uma relação frutuosa e pode contribuir em grande escala para “o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens”²⁶⁰.

²⁵⁷ MURAD, A. Gestão e espiritualidade, p. 194-195

²⁵⁸ MURAD, A. Gestão e espiritualidade, p. 196.

²⁵⁹ CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar juntos na escola católica. Missão partilhada de pessoas consagrada e fiéis leigos, 53.

²⁶⁰ PAULO VI, Papa. Populorum Progressio, 42. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>. Acesso em: 23.04.2023.

4

O Carisma e o Planejamento Estratégico das e nas Mantenedoras

4.1

A identidade dos carismas no processo de formação do planejamento estratégico das mantenedoras

A vida Religiosa Consagrada (VRC), dom de Deus²⁶¹, adorna a Igreja de Cristo²⁶². Não é uma vida isolada ou à margem da sociedade, mas integrada a ela e, com a qual contribui de forma eficaz, seja na área da saúde, da educação e da assistência social, sendo sal e luz (Mt 5,13-16) que revelam a íntima natureza da vocação cristã²⁶³. É um dom que, na variedade dos seus carismas e das suas instituições, se dedicam a Deus por uma especial consagração e pelo serviço ao Reino de Deus já inserido na história²⁶⁴ (Lc 11,20). Portanto, não se reduz a um serviço terceirizado para implantar uma ou outra ideia qualquer, é fruto de um carisma, um dom dado por Deus como um presente valioso, um tesouro da salvação dado à Igreja e que beneficia a humanidade.

Enquanto carisma, a VRC manifesta em sua identidade mantenedora a multiforme graça de Deus (1Pd 4,10), presente na história em apoio e socorro às mais diversas necessidades humanas, como a educação, a saúde, a dedicação aos empobrecidos e mais fragilizados. Figura da Mãe de Deus, geradora de novas vidas por obra do Espírito Santo, cuida, zela, educa, enfrenta desterros, consola, sofre, mas também se regozija com a vida que vence a morte e dóceis ao mover do Espírito Santo, atentas, prestativas e responsivas ao chamado que de Deus receberam, as instituições religiosas empenham-se na edificação da Igreja peregrina a partir de seus mais variados dons. Não concorrem entre si, mas se edificam umas às outras quando se doam enraizadas em seus carismas fundantes e aplicam todas as suas energias, forças, inteligências, obras e toda sua vida a serviço dos outros²⁶⁵.

²⁶¹ VC, 1.

²⁶² VC, 19.

²⁶³ VC, 3.

²⁶⁴ VC, 1.

²⁶⁵ VC, 19.

Guardiãs dos carismas, as mantenedoras devem permanecer fiéis às suas origens e vocação (1Cor 7,20-24), motivar a vida consagrada a empenhar-se no serviço ao qual foram chamadas, caso contrário, poderiam se entender concorrentes entre si e, da pior maneira, deixariam de olhar para o serviço que as originou, reduzindo-se aos propósitos competitivos e lucrativos de um mercado que as rodeia como um leão faminto (1Pd, 5,8). Assim desfiguradas, não seriam mais a figura da Mãe de Deus, mas da perdição que, enganadas pela serpente (Gn 3,8), se dividem e se destroem (Mt 12,25), fechando-se em si mesmas, definham de vergonha (Gn 3,10) e de tristeza mortais (Eclo 30,25).

É necessário vigiar, já exortava São Cipriano de Cartago²⁶⁶. Cabe às mantenedoras examinar constantemente seus planejamentos estratégicos à luz da alegria restauradora de Cristo (Mt 28,9; Lc 24, 32-35; Jo 15, 9-11) e do Reino de Deus (Mt 5, 1-12; Lc 13, 18-21), a fim de guardar com segurança as ovelhas de seu rebanho e não se perder nos lucros e honorarias de seu leite e sua lã, apascentando-se a si mesmos e não as ovelhas²⁶⁷. É necessário voltar às origens, buscar a fonte e guardar os ensinamentos de Cristo²⁶⁸.

4.1.2

Voltar às origens

Voltar às origens não é uma "nostalgia piedosamente açucarada", mas uma responsabilidade desafiadora e comprometida em sua missiologia verdadeiramente integral, ou seja, conectada àquela inquietação originária que despertou a vocação à vida religiosa e resultou na edificação de suas obras. Significa um esforço corajoso, responsável e zeloso em busca do essencial carismático e fundante que edifica a comunidade e promove a unidade (1Cor 12). É apropriar-se e ocupar-se dessa vocação (Jo 2, 5) e não medir esforços para realizá-la, do contrário, será fatal, como nos ensina São Cipriano de Cartago:

"É fatal então que alguém flutue e vá em todas as direções, e que sob a influência do espírito do erro, como a poeira que o vento levanta, seja levado pelo vento; e ninguém ganhará nada para a sua salvação tendo partido, se não permanecer no verdadeiro caminho da salvação²⁶⁹".

²⁶⁶ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 1, tradução nossa.

²⁶⁷ AGOSTINHO, de Hipona. Do sermão sobre os pastores. In: Liturgia das horas, vol. IV, p. 230.

²⁶⁸ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 3, tradução nossa.

²⁶⁹ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 2, tradução nossa.

Voltar às origens então, está longe de ser uma proposta poética, mas um empreendimento atento e responsável, que exige planejamento, estratégia e grandes esforços. Nesse sentido, as mantenedoras encontram todo apoio que precisam no Magistério Vivo da Igreja, nos saberes teológicos, na cooperação dos teólogos e colaboração de todos os membros da Igreja²⁷⁰ e na sagrada liturgia²⁷¹, pela Eucaristia²⁷².

O esforço das mantenedoras por esse reencontro teológico originário encontrará na sagrada liturgia um caminho eficaz, pois, enquanto fonte, entrega a origem de todos os carismas: o Cristo vivo e ressuscitado, portador e doador do Espírito Santo (Lc 4,1.14.18; 24,49; At 2,33) de onde emana todos os carismas (1Cor 12,4-11), Jesus, o Caminho para o Pai, a Verdade e a vida do Pai a quem servem a partir dos próprios carismas e espiritualidade²⁷³. A intermediação litúrgica nesse processo favorece a maturidade identitária das mantenedoras, tornando-se um especial reforço para a missão de seus agentes, pois lhes faz recordar o chamado do Senhor, enquanto também revigora neles o carisma fundante e os prepara para o futuro, para os passos que o Senhor possibilitará nessa peregrinação rumo à comunhão definitiva com Ele, onde se completará sua consagração²⁷⁴.

4.1.3

Diversidade dos carismas

Jesus comunica o Espírito Santo à comunidade (Jo 15, 26-27; 20, 22; At 2, 1-4). É dele que surgem os mais variados dons e carismas manifestos (1Cor 12, 4) como nos ensina o Apóstolo Paulo em sua primeira carta aos Coríntios: “Há diversos dons, mas o Espírito é o mesmo” (1Cor 12, 4). Paulo trabalha com a palavra *diareseis* (διαρέσεις²⁷⁵), referindo-se à diversidade de dons, demonstrando como eles são distribuídos e, ao mesmo tempo, enfatiza a singularidade do Espírito,

²⁷⁰ VC, 74.

²⁷¹ SC, 10.

²⁷² LG, 11.

²⁷³ DA, 220.

²⁷⁴ TEMPESTA, O. Cardeal Tempesta: 50 anos de consagração monacal. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-01/cardeal-tempesta-50-anos-de-consagracao-monacal.html>>: Acesso em: 02 fev. 2023.

²⁷⁵ RUSCONI, Carlo. διαρέσεις. Dicionário do Grego do Novo Testamento, p. 123.

reforçando a unidade essencial da comunidade que recebe, do único e mesmo Espírito, os dons que necessitam à sua edificação²⁷⁶. Portanto, não se trata de uma segregação, mas ao contrário, demonstra a comunhão da comunidade pelo Espírito que forma um único corpo (1Cor 12,12-27).

“[...] a experiência mais bonita é descobrir quantos carismas diversos e quantos dons do seu Espírito o Pai confere à sua Igreja! Isto não deve ser visto como um motivo de confusão e de transtorno: são todos presentes que Deus oferece à comunidade cristã, para que possa crescer harmoniosa, na fé e no seu amor, como um único corpo, o corpo de Cristo. O mesmo Espírito que confere esta diferença de carismas faz a unidade da Igreja. É sempre o mesmo Espírito. Por conseguinte, diante desta multiplicidade de carismas, o nosso coração deve abrir-se à alegria, levando-nos a pensar: Que bonito! Tantos dons diferentes, pois somos todos filhos de Deus, e todos somos amados de um modo único!²⁷⁷”

“Ai de nós se tais dons se tornarem motivo de inveja, divisão e ciúmes!²⁷⁸”
Um só é o Autor de tudo²⁷⁹, que manifesta o Espírito²⁸⁰ e o Reino dos Céus em nós²⁸¹ e reparte os carismas como lhe apraz²⁸². Tudo é dom de Deus²⁸³, de quem provém o único e mesmo Espírito (1Cor 12,4-11). Tudo é dele, por Ele e para Ele, o Sustentador de tudo²⁸⁴. O Pai no Filho e no Espírito, o infinito no eterno, a beleza na imagem, a intimidade no dom²⁸⁵. Esses carismas manifestam o Reino de Deus presente em nós, pelo Cristo que, no Espírito, habita em nós²⁸⁶.

Como as santas mulheres das Sagradas Escrituras, os Apóstolos e os profetas que manifestaram em suas vidas os mais variados carismas, assim também acontece com as mantenedoras, todas servem ao Reino de Deus, todas receberam a graça do mesmo e único Espírito, por vontade do Pai. A sabedoria presente em Salomão, o conselho e a inteligência em Daniel, a fortaleza e a piedade em Moisés, o temor e a ciência em Elias, se manifestam igualmente em seus sucessores e suas comunidades. Todos esses dons e carismas, frutos do mesmo e único Espírito,

²⁷⁶ BARBOSA, M. F. C. F. O valor da dimensão extática da Igreja: estudo teológico-pastoral sobre a Renovação Carismática Católica no Brasil, p. 69.

²⁷⁷ FRANCISCO, PP. Audiência Geral. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2014/documents/papa-francesco_20141001_udienza-generale.html>. Acesso em: 10 de set.2022.

²⁷⁸ FRANCISCO, PP. Audiência Geral. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2014/documents/papa-francesco_20141001_udienza-generale.html>. Acesso em: 10 de set.2022.

²⁷⁹ HILÁRIO de Poitiers. Tratado sobre a Santíssima Trindade, II, 1.

²⁸⁰ JUSTINO de Roma, Diál. 88.

²⁸¹ ATANÁSIO. Sobre a vida e conduta de santo Antão, II, 20.

²⁸² BASÍLIO de Cesareia, II, 37.

²⁸³ AGOSTINHO de Hipona. Confissões, I, 31.

²⁸⁴ JOÃO CRISÓSTOMO. Da providência de Deus, II, 10.

²⁸⁵ HILÁRIO de Poitiers. Tratado sobre a Santíssima Trindade, II, 1.

²⁸⁶ ATANÁSIO. Sobre a vida e conduta de santo Antão, II, 20.

encontram sua plenitude em Cristo que os comunica à sua Igreja (Is 11, 1-3; Sl 68,19; Ef 4,8)²⁸⁷ para edificá-la (1Pd 2,5).

A multiplicidade dos carismas adorna e enriquece a Igreja de Cristo, no entanto, não se reduzem à mera ornamentação. Enquanto adorno da Igreja de Cristo, encanta pela beleza de sua santidade contida na multiplicidade dos dons e carismas dos consagrados que, em sua fragilidade humana, testemunham as maravilhas de Deus por meio de uma existência transfigurada em Cristo, capaz de suscitar a admiração do mundo e, pela caridade, comunicar a ele a beleza e a força do *sensus fidei* em vista do bem comum²⁸⁸. Sem a caridade porém, seria como o címbalo que tine (1Cor 13,1) ou como uma árvore bela e vigorosa, porém, sem frutos, que serve apenas para o ornamento, como ensina São João Crisóstomo:

"Não vedes como as árvores que não produzem frutos são vigorosas, bonitas, copadas, esbeltas e altas? No entanto, se tivéssemos um pomar, preferiríamos, em vez delas, romãzeiras e oliveiras carregadas. Aquelas árvores estão no jardim para ornamento, não para alimento; e se rendem alguma coisa, é pouca"²⁸⁹.

"Estão para ornamento, não para alimento." A vida religiosa, ao contrário, ao mesmo tempo ornamenta e alimenta. Fechada em si mesma, seria uma vida estagnada, manifestaria apenas suas próprias sombras e "se rendessem alguma coisa", seria de fato pouco. Semelhantes a essas árvores são os avarentos, exorta São João Crisóstomo, não produzem fruto algum e acrescenta: "nem sequer podem comparar-se a essas últimas árvores, mas só merecem censura; ao passo que as árvores sem frutos servem para a construção e o reparo das coisas". A vida religiosa, no entanto, não deve ser assim. Ornamenta pela santidade e, apesar de sua fragilidade humana, alimenta pelo testemunho²⁹⁰. São verdadeiros tesouros, tão ricos que beneficiam a todos e não apenas a quem os recebeu, tão fecundos e inesgotáveis que quanto mais são compartilhados, mais se multiplicam e, por isso, não devem ser escondidos (Mt 25, 14-30) mas, "compartilhados depressa", a exemplo do Apóstolo André (Jo 1,4):

"André, tendo permanecido com Jesus e aprendido com ele muitas coisas, não

²⁸⁷ JUSTINO de Roma, Diál. 87-88.

²⁸⁸ FRANCISCO, PP. Audiência Geral de 01 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20141001_udienza-generale.html>. Acesso em: 10 de set.2022.

²⁸⁹ JOÃO CRISÓSTOMO. Das Homilias sobre os Atos dos Apóstolos. In: Liturgia das horas, vol. I, p. 1313.

²⁹⁰ FRANCISCO, PP. Audiência Geral de 01 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20141001_udienza-generale.html>. Acesso em: 10 de set.2022.

escondeu o tesouro só para si, mas correu depressa à procura de seu irmão, para fazê-lo participar de sua descoberta”²⁹¹.

Fazer participar, enfatiza São João Crisóstomo em sua homilia. Assim são os carismas, não concorrem entre si, mas se completam e edificam a comunidade (1Cor 12,411). É um serviço fraterno que promove a união e faz participar da Alegria do Evangelho, o próprio Cristo.

4.1.4

O sustento das Mantenedoras

“De Deus é que recebemos tudo isso²⁹²”. É um dom, um serviço, um carisma e não um mérito.

“[...] Ele é a fonte, é a causa de todos os bens, não precisa de partilha alguma, de nenhum conselheiro; não recebe de empréstimo conhecimento ou inteligência para atuar e realizar maravilhas; ele próprio é o começo, a causa, a fonte de todos os bens, ele próprio é o criador, que chamou à existência o que não era e ele próprio governa, dispõe em ordem e conserva os seres que chamou à existência segundo sua vontade. Tudo é dele, por ele e para ele²⁹³”.

Tudo é Dele, por Ele e para Ele, o Sustentador de tudo²⁹⁴. Os carismas, as obras, as vocações, tudo é dom de Deus. Dons confiados às mantenedoras que, encorajadas e regulamentadas pelo Concílio Vaticano II, devem promover e sustentar a vida consagrada integrada à missão eclesial, enquanto é mantida por Cristo pelo Espírito Santo²⁹⁵. É a Ele que as mantenedoras prestam conta (Lc 12, 42-48) e servi-lo, não há de ser um fardo (Mt 11, 28-30), mas uma alegria plena (Jo 15, 9-11).

As mantenedoras são chamadas a serem o “sal da terra” (Mc 5, 13) e, com simplicidade e prudência, dar sabor à vida consagrada e suas obras.

“Já que o Senhor nos adverte nestes termos: "Vós sois o sal da terra" (Mc 5,13), e nos recomenda ser muito simples para evitar o mal, e ainda acrescentar a esta simplicidade a prudência (Mt 10,16), que outra atitude nos convém, amados irmãos, do que nos mostrarmos previdentes, do que aplicar a vigilância de um coração alarmado para discernir as emboscadas de um inimigo cheio de astúcia e todos juntos para nos manter longe delas a evitar (1Pd 5, 8), nós que nos revestimos de Cristo, sabedoria de Deus (1Cor 1,24), o Pai, de nos revelarmos demasiado

²⁹¹ JOÃO CRISÓSTOMO. Das Homilias sobre o Evangelho de São João. In: Liturgia das horas, vol. I, p.1021.

²⁹² JOÃO CRISÓSTOMO. Da providência de Deus, II, 10.

²⁹³ JOÃO CRISÓSTOMO. Da providência de Deus, II, 10.

²⁹⁴ JOÃO CRISÓSTOMO. Da providência de Deus, II, 10.

²⁹⁵ VC, 1

insensatos na preservação da nossa salvação?”²⁹⁶.

A simplicidade das pombas e a prudência das serpentes em meio aos lobos (Mt 10,16). Emprestamos os conselhos de São Cipriano de Cartago para aplicá-los à gestão das mantenedoras que, em seu cotidiano, enfrentam a reificação do amor, da solidariedade, da paz, da felicidade e até mesmo da espiritualidade, aqui representadas na figura dos lobos²⁹⁷.

Que outra atitude há de convir no cuidado das mantenedoras? Prudência e simplicidade em meio aos lobos. Simples na observância dos mandamentos e prudentes como a serpente, para identificar e afastar para longe o perigo. É o Espírito quem sustenta as mantenedoras, e esse sustento se dá na observação dos mandamentos de Cristo e na permanência em seu amor (Jo 15,9-11). Qual outra atitude convém de que prevenir, vigiar e discernir as emboscadas de um inimigo cheio de astúcia? Exorta São Cipriano²⁹⁸.

Prevenir, vigiar e discernir, palavras que sugerem planejamento. Como na preparação da última ceia de Jesus, por exemplo: a escolha do lugar (Mc 14, 12-16) o momento certo (Lc 22,7), a escolha dos objetos necessários (Jo 13, 3-5), os convidados (Lc 22,14-20), a metodologia mais adequada (Lc 19,29-34; Jo 13,13-14), até o comprometimento (Jo 13, 13-20). São exemplos que sugerem um planejamento estratégico e bem organizado com a finalidade de servir à vontade do Pai (Mt 26,39).

4.1.5

Planejamento, missão e gestão

O processo de formação do planejamento estratégico das mantenedoras deve necessariamente ser enraizado à sua identidade cristã, carisma e missão, precisa necessariamente conhecer seus destinatários, interpretar e antecipar-se às suas demandas, inovar²⁹⁹ e jamais se entregar à uma ideia simplista de negócios com finalidades meramente capitalistas³⁰⁰.

²⁹⁶ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 1, tradução nossa.

²⁹⁷ BALBINOT, R. Gerir a escola católica com espiritualidade, p. 12.

²⁹⁸ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 1, tradução nossa.

²⁹⁹ MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p. 81.

³⁰⁰ MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p. 83.

As organizações que servem à sociedade por meio da educação, da saúde, da filantropia, entre outras frentes, como a comunicação por exemplo, obtendo resultados econômicos e financeiros em vista de sua continuidade e sobrevivência de seus membros, são interpretadas pelo mercado como uma empresa. No entanto, no caso das mantenedoras, não se trata de uma empresa qualquer. Pela natureza de sua missão, elas não consideram seus destinatários como meros consumidores. Necessitam se reconhecer no âmbito mercadológico, pois, servem-se de colaboradores, destinatários e fornecedores, estabelecem relações, realizam trocas, produzem valores e lidam com concorrentes, inclusive, sem, contudo, se renderem a mecanismos iníquos³⁰¹.

Em 2016, aconteceu em Roma uma Conferência Internacional das Associações de Empresários Católicos (UNIAPAC); na ocasião o Papa Francisco enfatizou três riscos a serem assumidos pelos empresários e que desejamos serem iminentes: o risco do bom uso do dinheiro, o risco da honestidade e o risco da fraternidade³⁰². De fato, o mercado reconhece o potencial das mantenedoras e enxerga nas instituições religiosas fortes indícios para o crescimento econômico³⁰³. No entanto, é necessário vigiar e discernir para não sermos surpreendidos com as emboscadas de um inimigo astuto³⁰⁴ e, com o perdão da palavra, não se sujar com

³⁰¹ MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p. 81.

³⁰² FRANCISCO, PP. Discurso do Papa Francisco aos participantes na conferência internacional das associações de empresários católicos (UNIAPAC). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161117_conferenza-uniapac.html>. Acesso em 17 mar. 2022.

³⁰³ OLIVEIRA, L.L.S.; NETO, G.B. A teoria do mercado religioso: evidências empíricas na literatura. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/20282/15058>>. Acesso em: 17 mar. 2022;

CARMEM, G.D.; RIGA, M. Tecnologia da fé: 8 Apps que aproximam seguidores de suas crenças em tempos de isolamento social. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/05/tecnologia-da-fe-8-apps-que-aproximam-seguidores-de-suas-crencas-em-tempos-de-isolamento-social/>>. Acesso em: 19 mar. 2022;

SHARKAR, M. Moda religiosa ganha espaço no mercado fashion. Disponível em: <<https://forbes.com.br/negocios/2019/04/moda-religiosa-ganha-espaco-no-mercado-fashion/>>. Acesso em: 19 mar. 2022;

VERONESI, L. B. Forbes lista cinco pastores mais ricos do Brasil. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/forbes-lista-cinco-pastores-mais-ricos-do-brasil/>>. Acesso em: 19 mar. 2022;

ABELLÁN, A. C.; MARÍN, R. G. Del turismo religioso a las peregrinaciones permanentes: diversificación turística em el surest español. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/346>>. Acesso em: 19 fev. 2022.

³⁰⁴ CYPRIEN de Carthage, L'unité de l'église 3, tradução nossa.

“esterco do diabo”, tendo o dinheiro como governo e não como serviço, como enfatizou o Papa Francisco em seu discurso³⁰⁵.

Além da UNIAPAC, há outras iniciativas como, por exemplo: a proposta de Economia de Comunhão, pelo Movimento Eclesial dos Focolares³⁰⁶ e a Economia de Francisco e Clara³⁰⁷, inspiradas pela doutrina social da Igreja. No entanto, precisam ganhar ainda mais espaços como simpósios, congressos, pesquisas e publicações, a fim de propagar e amadurecer o relacionamento institucional das mantenedoras em seus mais variados empreendimentos e frentes de missões.

Em diversas culturas e sociedades como na China, na Armênia e no Líbano, por exemplo, os negócios não possuem uma conotação pejorativa, ao contrário, parte de seu cotidiano é interpretado como espaços sociais de relacionamento e desenvolvimento das habilidades de negociar, e não somente como uma oportunidade lucrativa³⁰⁸. Esses espaços de relações e trocas são lugares oportunos para a evangelização, são espaços que propiciam condições favoráveis para o testemunho do Evangelho (Mt 10,16).

A gestão empresarial faz parte do cotidiano das mantenedoras e instituições religiosas, porém, não deve ser interpretada como seu elemento qualificador. Isso comprometeria sua identidade e, seu diferencial espiritual, missionário, humanista e social se perderiam³⁰⁹. Assumir o caráter empresarial nas mantenedoras e o seu negócio não significa adotar um posicionamento capitalista meramente mercantil, mas em síntese, consiste em comprometer-se organicamente e integrar sua estrutura interna com a eficácia da gestão, os valores humanos e espirituais, de uma forma tal que transpareçam em seus processos de gestão, em suas responsabilidades

³⁰⁵ FRANCISCO, PP. Discurso do Papa Francisco aos participantes na conferência internacional das associações de empresários católicos (UNIAPAC). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161117_conferenza-uniapac.html>. Acesso em 17 mar. 2022.

³⁰⁶ MACHADO, A. C. M. Economia de comunhão: elementos para uma teoria organizacional. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=9626@1>>. Acesso em: 27 abr. 2022; LEITÃO, S.P.; SPINELLI, R. A. Economia de comunhão no Brasil: a produção acadêmica em administração de 1991 a 2006. RAP. mai/jun 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/DQzxrLPMVXsX3tgmdz5FYjK/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 27 abr. 2022.

³⁰⁷ ABEFC. 10 princípios da economia de Francisco e Clara. Disponível em: <<http://economiadefranciscoeclara.com.br/10-principios-da-economia-de-francisco-e-clara/>>. Acesso em: 27 abr. 2022.

³⁰⁸ MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p. 83.-84.

³⁰⁹ MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p. 85.

socioambientais e relacionamentos, o diferencial do serviço que prestam à sociedade.

Essa postura, no entanto, não deve ser adotada como um fim em si mesmo, mas como um meio e uma ferramenta diferenciada a favor do carisma, que demonstra a possibilidade de administrar os negócios com outra perspectiva³¹⁰ e, ao mesmo tempo, um testemunho autêntico do Reino de Deus entre o mundo dos negócios (Mt 10,16). Uma postura evangelizadora que exala o bom perfume de Cristo (2Cor 2,14-15) e faz brilhar a sua luz (2Cor 4,6) também entre os negócios.

O diferencial das instituições mantidas pela vida religiosa consagrada, dioceses e outras associações confessionais cristãs se dá pela missão, termo incorporado à linguagem empresarial a partir das instituições religiosas, porém, não em sua totalidade. Para a linguagem empresarial, a missão se reduz ao objetivo da organização e ao que ela pretende oferecer aos seus clientes, entretanto, no âmbito religioso, o termo abrange uma interpretação mais abrangente e com uma finalidade que se pode chamar aqui de teológica. Nasce de um carisma que procura responder a uma necessidade humana tangível como a educação e a saúde por exemplo³¹¹.

A missão precisa ser simples e clara para todos os envolvidos, caso contrário pode se transformar em miscelânea de boas intenções, como afirma Murad em sua obra “Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta”, ao citar Peter Drucker, um dos maiores expoentes do mundo na ciência da gestão. Segundo Drucker: “Uma declaração de missão precisa ser operacional: caso contrário, não passa de boas intenções³¹²”. Esse processo se dá por meio de um planejamento estratégico integrado, bem elaborado e gerido, pautado na sensibilidade às oportunidades, competências e compromissos da instituição³¹³.

A ciência da gestão é uma conquista da humanidade e, apesar de ter sido desenvolvida no meio empresarial comercial, não é exclusivo dele. Obviamente, qualquer modelo de gestão deverá passar pelo crivo dos valores das mantenedoras e deverão sofrer as devidas mudanças e reinterpretações. Sobre esta perspectiva,

³¹⁰ MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p. 85-87.

³¹¹ MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p. 76-77.

³¹² DRUCKER, P. Administração de organizações sem fins lucrativos, p. 4. In: MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p. 78.

³¹³ MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p. 79.

Murad nos apresenta os 7 princípios fundamentais da gestão, num resumo organizado por Drucker³¹⁴:

1. A gestão trata dos seres humanos. Sua tarefa é capacitar as pessoas a atuar em conjunto, efetivar suas forças e reduzir suas fraquezas.
2. A gestão está inserida na cultura e trata da integração das pessoas em um empreendimento comum. Em geral, os gestores realizam a mesma tarefa, entretanto, o que diferencia uns de outros é seu *modus operandi*. O sucesso da gestão deve ser condicionado a descobrir e identificar os elementos da tradição, da história, da cultura do lugar onde atuam e aplicá-los à própria gestão.
3. Toda organização requer compromisso com metas comuns, valores compartilhados e objetivos simples, claros e unificantes. A primeira tarefa da gestão, segundo Drucker é: pensar, estabelecer e explicar esses objetivos, valores e metas.
4. A gestão capacita a organização e cada um de seus componentes a crescer e desenvolver-se à medida que mudem as necessidades e oportunidades. Drucker enfatiza que toda empresa é uma instituição de aprendizagem e ensino e, por isso, deve valorizar a formação continuada e o desenvolvimento de todos os níveis de sua estrutura.
5. A organização está ancorada na comunicação e na responsabilidade individual. A excelência de todo trabalho deve considerar a clareza da comunicação entre todos os envolvidos.
6. Como um ser humano, a organização necessita de diversos indicadores para avaliar sua saúde e desempenho. Esses indicadores são fundamentais para o desenvolvimento das instituições e sua gestão e, por isso, afirma Drucker, deve ser continuamente medido, julgado e melhorado.
7. Dentro de qualquer organização só há custos; o resultado é exterior a ela, está no seu público-alvo. Drucker explica que o resultado de qualquer empresa, mesmo de instituições sem fins lucrativos, está no seu público-alvo. Para uma empresa, por exemplo, está na satisfação do cliente, para um hospital, no paciente curado e para uma escola, no aluno que aprendeu para a vida.

³¹⁴ DRUCKER, P. Administração de organizações sem fins lucrativos, p. 4. In: MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p. 73-75.

Em uma visão panorâmica, os sete elementos essenciais da gestão devem considerar: a) a capacitação de pessoas para atuarem em conjunto; b) a inserção cultural; c) comprometimento com as metas e os valores compartilhados; d) a formação continuada; e) a comunicação com responsabilidade; f) os indicadores de desempenho; g) o resultado focado em seu público-alvo³¹⁵.

A gestão, portanto, como demonstrado, não se reduz à administração financeira ou dos bens patrimoniais e institucionais. Ela conduz as instituições para a realização integral de sua missão, leva em conta as pessoas, a finalidade institucional, os processos internos, os produtos e serviços que oferecem ao seu público-alvo e sua relação com a sociedade e o mercado em que estão inseridas, tanto quanto sua sobrevivência e continuidade³¹⁶. Não se trata de uma tarefa fácil, principalmente pela abrangência institucional confessional e missionária das mantenedoras que, além das exigências apresentadas, precisam responder com eficácia à sua vocação.

As mantenedoras nascem de um carisma fundacional e devem estar permanentemente em comunhão a ele. Quanto mais clareza as pessoas engajadas da instituição adquirirem acerca do carisma e da missão, mais efetivos serão o resultado e a concretização missionária dessa instituição³¹⁷. Esse processo encontrará suporte na mistagogia.

4.2

Mistagogia para a gestão das Mantenedoras

A mistagogia consiste no “conhecimento do mistério narrado pelas Escrituras e celebrado na liturgia”. Uma concepção inspirada nos ensinamentos de São Jerônimo: “*Ignoratio Scripturarum, ignoratio Christi est*” e atribuído à liturgia por Boselli: “*Ignoratio liturgiae, ignoratio Christi est*”³¹⁸. Ela está intimamente ligada à realidade do mistério de Deus. Foi por meio dela que alguns Padres da Igreja, como Cirilo de Jerusalém, Ambrósio de Milão, João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuéstia introduziram os catecúmenos no conhecimento dos mistérios

³¹⁵ DRUCKER, P. Administração de organizações sem fins lucrativos, p. 4. In: MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p. 73-75.

³¹⁶ MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p.76.

³¹⁷ MURAD, A. Gestão com espiritualidade: uma porta entreaberta, p. 87-88.

³¹⁸ BOSELLI, G. O sentido espiritual da liturgia, p. 32.

sagrados³¹⁹, demonstrando-se, portanto, como um método eficaz a ser aplicado à gestão das mantenedoras para a compreensão de seus carismas, missões e espiritualidade.

Assim, inspirados nos Padres da Igreja, apresentamos a mistagogia como método eficaz para a gestão das mantenedoras. Os Padres a utilizavam em suas catequeses e liturgia para aproximar os fiéis e também os catecúmenos ao mistério de Deus contido na Escritura e na liturgia. Um mesmo método de interpretação e uma mesma hermenêutica para duas realidades distintas, em busca de sua unidade mais profunda e essencial, que os Padres intuía através da mistagogia³²⁰.

Boselli em sua obra intitulada “O sentido espiritual da liturgia”, sistematizou a mistagogia em três aspectos fundamentais: o objetivo, as modalidades e o método:

- 1) O objetivo do conhecimento proposto pela mistagogia é único: o conhecimento do mistério de Deus contido na Escritura e na liturgia.
- 2) Há duas modalidades de expressão desse mistério: a Escritura e a liturgia.
- 3) A mistagogia é um método que reúne em si o conhecimento do mistério de Deus contido na Escritura e na liturgia.

A grande intuição dos Padres foi utilizar o mesmo método de interpretação das Escrituras para interpretar a liturgia e assim inserir os catecúmenos e fiéis no conhecimento deste mistério³²¹. O mesmo método pode ser aplicado à gestão das mantenedoras para inserir seus gestores no conhecimento mais aprofundado da identidade institucional que é gerada pelo carisma, pela espiritualidade e pela missão fundacionais.

A mistagogia é para a gestão como aquela medida certa de sal para os alimentos, descrita no Evangelho segundo Mateus (Mt 5, 13): realça o sabor, ou seja, realça o carisma, tornando a identidade institucional mais evidente, e sua missão uma realidade concreta. Assim ela se torna uma forte aliada da missão das mantenedoras, que constantemente são interpeladas por tantos desafios em suas mais variadas frentes missionárias. O sal a que se refere a narrativa de São Mateus remete a todos nós, discípulos missionários, chamados a dar sabor à vida de todos quantos nos interpelam, às vítimas do secularismo que, com vão empenho, deseja

³¹⁹ BOSELLI, G. O sentido espiritual da liturgia, p. 17.

³²⁰ BOSELLI, G. O sentido espiritual da liturgia, p.19.

³²¹ BOSELLI, G. O sentido espiritual da liturgia, p.19.

dessacralizar o mundo³²² e às vidas que, pela cultura do descarte, são ameaçadas continuamente³²³. Esse sabor é o carisma, dom dado por Deus e que se realiza plenamente quando partilhado entre irmãos para o benefício de todos, como ensina o Santo Padre³²⁴. “É grande esse mistério: refiro-me à relação entre Cristo e sua Igreja” (Ef 5,32). Onde houver qualquer falta de entusiasmo, a mistagogia revigorará. Não se pode perder o sabor da vida que é Cristo em nós. É grande esse mistério da relação de Cristo com a sua Igreja.

Mistagogia e liturgia se complementam. A mistagogia entendida como ação sagrada de iniciação aos mistérios de Deus, é também compreendida como uma ação litúrgica e, enquanto tal, atesta que a liturgia é, em si mesma, mistagogia³²⁵.

“A liturgia é o cume para o qual tende toda ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força. Os trabalhos apostólicos visam a que todos, como filhos de Deus, pela fé e pelo batismo, se reúnam para louvar a Deus na Igreja, participar do sacrifício e da ceia do Senhor. A liturgia também leva os fiéis a serem “unânicos na piedade”, depois de participarem dos “sacramentos pascais”, para que “na vida conservem o que receberam na fé”. A Liturgia renova e aprofunda a aliança do Senhor com os homens, na eucaristia, fazendo-os arder no amor de Cristo. Dela, pois, especialmente da eucaristia, como de uma fonte, derrama-se sobre nós a graça e brota com soberana eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus, fim para o qual tudo tende na Igreja³²⁶”.

A liturgia é o ponto de partida para uma gestão alinhada e comprometida com o carisma mantenedor de qualquer instituição confessional cristã. Por meio dela, a gestão encontrará a inspiração e o vigor de que precisa para gerir com eficácia.

Uma instituição confessional que deseja ser perene, ou mesmo se fortificar e resistir às interpelações do tempo presente, encontrará na liturgia o vigor necessário para vivenciar, revitalizar e mesmo ressuscitar o carisma³²⁷. Os trabalhos, em todos os setores, da gestão à recepção, da divulgação à prospecção, dos preparativos às entregas, em tudo e por toda a parte de uma instituição confessional cristã qualquer, precisa exalar o perfume de Cristo (2Cor 2,14). Parafraseando Paulo Apóstolo,

³²² BRINGEMER, M. C. L. Crer e dizer Deus Pai, Filho e Espírito Santo (algumas reflexões sobre a teologia trinitária hoje), p. 182-183.

³²³ FRANCISCO, PP. Papa Francisco: enfrentar a cultura do descarte com a fraternidade humana. Disponível em: <[³²⁴ _____. Audiência Geral. Disponível em: <\[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20141001_udiienza-generale.html\]\(https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20141001_udiienza-generale.html\)>. Acesso em: 10 de set. 2022.](https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-entrevista-revista-il-mio-papa-espanhol-pandemia.html#:~:text=Para%20o%20Papa%2C%20como%20sociedade.de%20ter%20mais%20e%20mais.>”. Acesso em: 16 out. 2022.</p>
</div>
<div data-bbox=)

³²⁵ BOSELLI, G. O sentido espiritual da liturgia, p.18.

³²⁶ SC, 10.

³²⁷ SC, 10.

“somos para Deus, o bom odor de Cristo entre aqueles que se salvam e aqueles que se perdem” (2Cor 2,15). Sendo assim, desde o inventário até as novas aquisições, no labor de tudo o que se faz em uma instituição confessional cristã, o perfume de Cristo deve se manifestar.

Em seu livro, “Gerir a Escola católica com espiritualidade”, Balbinot descreve em poucas palavras a perspectiva cristã para a liderança gestora:

“Na perspectiva cristã do(a) líder-gestor(a), eficácia se traduz por meio de uma sinergia entre a espiritualidade, os valores, as competências, as habilidades e as atitudes. Portanto, não basta conseguir que as coisas sejam feitas; na gestão de escola católica, é preciso conseguir que seja feito em cada ação administrativa, financeira, pastoral, educacional e pedagógica o que é de acordo com o Reino de Deus, com a mais alta qualidade profissional³²⁸”.

Evidencia-se que não se trata de excelentes entregas apenas, mas entregas excelentes de acordo com o Reino de Deus. Não se trata de um alinhamento pautado apenas no perfil fundador, mas acima de tudo, comprometido com o Reino de Deus. Ora, mais uma vez se mostra a importância significativa da mistagogia para o gestor. Será por ela que o gestor poderá conhecer os planos de Deus, se apropriar e comprometer-se com eles. “O Senhor não faz coisa alguma sem revelar seus planos aos profetas, seus servos” (Am 3,7). A exegese dessa perícopes revela uma importante lição para os gestores e seus planejamentos estratégicos: esse plano é um mistério que somente Deus pode revelar. Uma verdade essencial da experiência de fé judaico-cristã: o homem conhece o nome de Deus por meio do próprio Deus que gratuitamente se revela³²⁹.

“Quis Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e manifestar o mistério de sua vontade (Ef 1,9): os homens têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina por Cristo, Verbo encarnado, no Espírito Santo (Ef 2,18; 2Pd 1,4). Deus invisível (Cl 1,15; 1Tm 1,17) revela-se por causa do seu muito amor, falando aos homens como a amigos (Ex 33,11; Jo 15,14s) e conversando com eles (Br 3,38), para convidá-los a estarem com ele no seu convívio”.³³⁰

Deus Pai revela seu plano e, pelo Filho no Espírito, nos permite o acesso a Ele, tornando-nos participantes de sua natureza divina e dialogando conosco como amigo. Essa revelação, diálogo e relacionamento se dá pela liturgia, que por gestos

³²⁸ BALBINOT, R. Gerir a escola católica com espiritualidade, p. 163.

³²⁹ BOSELLI, G. O sentido espiritual da liturgia, p.19.

³³⁰ DV, 2.

e palavras, ou seja, por sua mistagogia³³¹, proclamam os acontecimentos e iluminam o mistério neles contido³³².

A gestão muitas vezes pode parecer um trabalho solitário e exaustivo, são muitos os desafios que se apresentam, o cansaço físico e mental gerados são seus maiores vilões e, muitas vezes podem afastar seus gestores da espiritualidade e, conseqüentemente, da vivência de seus carismas. No entanto, não caminhamos sozinhos. Ele mesmo caminha conosco como prometeu: “E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!” (Mt, 28,20).

Um outro método que se revela eficaz para a liderança gestora das mantenedoras é a Metodologia C.H.A.V.E.³³³. Proposta por Balbinot e, unida à mistagogia, proporcionará não apenas um embasamento teórico robusto, mas contribuirá com a vivência carismática que impulsiona as mantenedoras. Essa metodologia se revela um indicador eficiente para acompanhar os processos, a elaboração e execução dos planejamentos estratégicos e, onde for necessário, até mesmo revitalizar o carisma.

4.3

A contribuição teológica para as Mantenedoras e Escolas cristãs

Emancipada em 2016, a área de avaliação Ciências da Religião e Teologia na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)³³⁴, conhecida como Área 44³³⁵ inaugura terreno de oportunidade à teologia³³⁶ que com sua base conceitual e seus saberes, sua interdisciplinaridade, aplicabilidades acadêmicas, inclusive profissionais³³⁷, agregam valores e conhecimentos inerentes às mantenedoras, constituindo-se uma significativa contribuição a seus gestores. A

³³¹ BOSELLI, G. O sentido espiritual da liturgia, p.32.

³³² DV, 2.

³³³ BALBINOT, R. Gerir a escola católica com espiritualidade, p. 187 – 190.

³³⁴ STERN, F. L. A criação da área de avaliação ciências da religião e teologia na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), p, 79-80. Disponível em: <<https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/view/62>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

³³⁵ CAPES AREA 44. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

³³⁶ DA 124.

³³⁷ SENRA, F. RIBEIRO, C. O. SAMPAIO, D. S. Revisitando a experiência dos Programas Profissionais da área Ciência da Religião e Teologia/CAPES no Brasil. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/23249/17238>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

ANPTECRE se empenhou significativamente nesse processo emancipatório. Em 2009, Haroldo Reimer, então diretor-adjunto, elaborou uma minuta com objetivo de alcançar a autonomia da subcomissão de teologia, e a ANPTECRE organizou uma comissão *ad hoc* para articular esse processo de negociação com a CAPES; no entanto, sem êxito, o Conselho Técnico-Científico da CAPES julgou que o pleito abriria precedentes para outras áreas que almejavam se desmembrar³³⁸.

O esforço da ANPTECRE não foi em vão, entre propostas e discussões críticas, finalmente, em 2016, sob a gestão de Flávio Augusto Senra Ribeiro, a subcomissão foi desmembrada, entrando em vigor no dia 13 de outubro de 2016, publicado no Diário Oficial da União pela portaria nº 174. No entanto, sua nomenclatura havia permanecido em discussão, sendo definida somente no ano seguinte, em 2017, após votações³³⁹.

O caráter acadêmico da teologia é bem conhecido, principalmente no âmbito da formação do clero e da vida religiosa consagrada, entretanto, pouco se fala em relação aos programas profissionais da Teologia, que merecem atenção e estímulo. A esse respeito declara o Documento de Aparecida:

“Hoje em dia as fronteiras traçadas entre as ciências se desvanecem. Com este modo de compreender o diálogo, sugere-se a ideia de que nenhum conhecimento é completamente autônomo. Esta situação abre um terreno de oportunidades à teologia para interagir com as ciências sociais³⁴⁰”.

“Um terreno de oportunidades à teologia³⁴¹”. Muitos leigos e leigas vocacionados aos estudos teológicos, podem encontrar nesse terreno de oportunidades a motivação de que precisam para realizar sua vocação e aplicar os conhecimentos adquiridos no apoio às mantenedoras, além dos campos acadêmicos e pastorais.

“O/A pós-graduado/a em Teologia deve estar preparado/a para atuar como pesquisador/a, como docente e como analista dos saberes e habilidades [...], atuar na formação de docentes para a educação básica e/ou de nível superior, além de ser capaz de atuar como profissional especializado, consultor/a, assessor/a e/ou mediador/a em questões relacionadas à religião de que é especialista no espaço

³³⁸ STERN, F. L. A criação da área de avaliação ciências da religião e teologia na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), p, 77. Disponível em: <<https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/view/62>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

³³⁹ STERN, F. L. A criação da área de avaliação ciências da religião e teologia na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), p, 79. Disponível em: <<https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/view/62>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

³⁴⁰ DA, 124.

³⁴¹ DA, 124.

público³⁴².”

O abrangente campo de atuação da teologia, como demonstrado, não se limita à formação de clérigos, religiosos, ou docentes, mas também possibilita a atuação em outros campos como: escolas, hospitais, obras sociais, editoras entre tantas outras instituições confessionais. O Documento de Aparecida valoriza essas iniciativas e incentiva a necessidade de fomentar estudos e pesquisas teológico-pastorais frente aos desafios atuais enfrentados pela evangelização³⁴³.

A oportunidade a que se refere o Documento de Aparecida diz respeito à cooperação e participação dos leigos, que através dos dons recebidos (Ef 4,7), são chamados a exercer seu apostolado, tornando a Igreja presente e ativa nos lugares e circunstâncias onde somente eles podem atuar como sal da terra³⁴⁴. O Concílio Vaticano II valoriza a promoção do apostolado leigo e pede a seus pastores que cuidem de sua formação e amadurecimento a fim de que, pelos laços de sua vida e profissões, difundam a fé de Cristo³⁴⁵.

Chamados a cooperar com a obra de evangelização da Igreja, os leigos encontrarão nos institutos especializados a formação técnica e espiritual de que necessitam³⁴⁶, como é seu direito.

“Gozam também do direito de adquirir aquele conhecimento mais completo nas ciências sagradas, ensinadas nas universidades e faculdades eclesiais ou nos institutos de ciências religiosas, aí frequentando aulas e obtendo graus acadêmicos”³⁴⁷.

A colaboração teológica, portanto, está além da formação do clero e dos religiosos da vida consagrada, sua natureza eclesial envolve a todos os batizados e, imersa no planejamento estratégico, qualifica a gestão das mantenedoras e escolas cristãs.

³⁴² CAPES AREA 44, p. 5. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

³⁴³ DA, 344-345.

³⁴⁴ LG, 33.

³⁴⁵ AG, 21.

³⁴⁶ AG, 41.

³⁴⁷ CIC, 229, § 2.

5

Conclusão

Não temos aqui uma história gloriosa para contar, mas uma grande história a ser construída³⁴⁸. As palavras de São João Paulo II nos impulsionam a não desanimar neste trabalho dedicado ao Reino de Deus. Nossa pesquisa tinha como objetivo principal identificar os princípios patrísticos de carisma e aplicá-los nos planejamentos estratégicos das mantenedoras e escolas cristãs, tendo em vista a contribuição teológica a essas instituições frente aos desafios impostos pela atual mudança de época.

As contribuições da literatura patrística foram fundamentais para a compreensão dos princípios de carisma e sua identidade. A herança intelectual e espiritual contida na estrutura textual do Pastor de Hermas, organizada em parábolas, visões e mandamentos, serve de inspiração para as mantenedoras em sua gestão, seus projetos e planejamentos estratégicos. Em seu apocalipse, o Pastor descreve como Deus Pai pensou sua Igreja: planejada, bem gerida, próspera e eficaz³⁴⁹. São Justino Mártir, em seu diálogo com o judeu Trifão, ao defender a fé e a prática religiosa cristã, demonstra a importância do zelo apostólico, da perseverança fraterna e da oração para a identidade cristã³⁵⁰; a contribuição de São Cipriano de Cartago reforça o sentimento de pertença e o trabalho pela unidade da Igreja, descrita por ele na belíssima imagem da túnica do Cristo Redentor; São Clemente de Alexandria apresenta a imagem do Logos Pedagogo, modelo para a gestão das mantenedoras³⁵¹, para as escolas e famílias cristãs³⁵²; a exortação de Santo Agostinho aos monges reforça os propósitos de nossa pesquisa na difícil tarefa de manter viva a identidade mantenedora das instituições³⁵³ que, expostas a tantas realidades avessas aos desígnios de Deus³⁵⁴, corre o risco de esmaecer; as catequeses mistagógicas de São Cirilo de Jerusalém nos remetem à sagrada

³⁴⁸ VC, 110

³⁴⁹ HERMAS, 16,2

³⁵⁰ JUSTINO de Roma, I Apol. 65; 67.

³⁵¹ CLÉMENT D'ALEXANDRIA. Le Pedagogue I 54, 2-3; I 58,2; I 61, 6-7; I 59,1 – 60, 7

³⁵² CLÉMENT D'ALEXANDRIA. Le Pedagogue I 56, 1-2

³⁵³ AGOSTINHO de Hipona. Il Lavore dei Monaci 28.36

³⁵⁴ EG, 2

liturgia³⁵⁵, cume e fonte para onde deve se direcionar toda ação da Igreja³⁵⁶. É na liturgia que as mantenedoras devem se refugiar para se fortalecer, é também ali que a identidade eclesial se renova, e o serviço ao Reino de Deus é qualificado³⁵⁷.

A partir de algumas contribuições nacionais contemporâneas, destacam-se a Metodologia C.H.A.V.E. desenvolvida pelo Professor Rodinei Balbinot para a gestão das escolas católicas; a proposta de inclusão conceitual da ciência da gestão empresarial voltada às mantenedoras da vida religiosa, desenvolvida pelo Irmão Afonso Murad em sua obra *Gestão e Espiritualidade*; o Projeto Educativo Pastoral para a Escola Católica da América desenvolvida pelo CELAM, que trouxe uma significativa sugestão para a composição de um currículo evangelizador e, por fim, com base na obra de Boselli “O sentido espiritual da liturgia”, sugere-se a mistagogia como método para esse processo de aprofundamento da compreensão identitária das instituições.

Espera-se que, a partir desses recursos, as mantenedoras possam encontrar o apoio de que necessitam para ressignificar suas conjunturas a partir de seu carisma, sua identidade e espiritualidade no âmbito de suas missões. É nosso desejo oferecer recursos fidedignos aos seus planejamentos estratégicos a partir da contribuição teológica e do Magistério da Igreja e não do idealismo capitalista ou qualquer outro modernismo que venha a surgir. Identifica-se nessa perspectiva uma verdadeira oportunidade aos vocacionados à teologia, um terreno aberto de oportunidade, como destaca o Documento de Aparecida, ao valorizar essa iniciativa³⁵⁸.

Limitamo-nos aos aspectos fundantes do carisma e da identidade das mantenedoras e escolas cristãs, no entanto, cientes da abrangência e relevância do tema proposto, concluiu-se esta pesquisa. Há muitos outros aspectos que merecem dedicação e estudos, como por exemplo, o posicionamento profético das mantenedoras frente à lógica do mercado; o trabalho em rede das mantenedoras. Há muito a ser feito. Somos convidados pelo Papa Francisco a olhar para o futuro e, na construção da história em que estamos inseridos, realizar ainda grandes coisas. Há uma grande história a ser construída³⁵⁹.

³⁵⁵ CIRILO de Jerusalém. *Catequeses Mistagógicas I*, 1-10

³⁵⁶ SC, 10.

³⁵⁷ BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*, p. 39

³⁵⁸ DA, 124.

³⁵⁹ VC, 110

6

Referências bibliográficas

ABELLÁN, A. C.; MARÍN, R. G. **Del turismo religioso a las peregrinaciones permanentes: diversificación turística em el surest español. cultur.** Jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/346>>. Acesso em: 19 fev. 2022.

AGOSTINHO de Hipona. **Il lavore dei monaci.**

ALTANER, B.; STUIBER, A., **Patrologia. Vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja**, 2ª ed., S. Paulo, Paulus.

ANDRADE, R. F. (Org.) **Pensar o presente e o futuro da educação.** São Paulo: Paulinas, 2022.

ANEC. Disponível em: <<https://anec.org.br/>>. Acesso em: 05 nov. 2022.

ANEC. **A Igreja no Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global. Orientações gerais.** Disponível em: <<https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Pacto-Global-Orientacoes-Gerais.pdf>> Acesso em: 22.05.2022.

ATANÁSIO. **Patrística: Sobre a vida e conduta de santo Antão**, vol. 2. São Paulo: Paulus, 2002.

Articulação pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC). **10 princípios da economia de Francisco e Clara.** ABEFC. out. 2021. Disponível em: <<http://economiadefranciscoeclara.com.br/10-principios-da-economia-de-francisco-e-clara/>>. Acesso em: 27 abr. 2022.

BALBINOT, Rodinei. **Educação e Espiritualidade: fundamentos da escola em pastoral.** São Paulo: Newa Print Gráfica e Editora Ltda, 2010.

BALBINOT, Rodinei. **Educação e gestão em transcendência.** São Paulo: FTD, 2018.

BALBINOT, Rodinei. **Gerir a escola católica com espiritualidade.** São Paulo: FTD, 2015.

BARBOSA, M. F. C. F. **O valor da dimensão extática da Igreja: estudo teológico-pastoral sobre a Renovação Carismática Católica no Brasil.** Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2018.

BENTO XVI, PP. **Audiência geral.** Vatican.va. 18 abr. 2007. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/benedict->

xvi.pt/audiencias/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070418.html>. Acesso em 11 nov. 2022.

BENTO XVI, PP. **Carta Encíclica: Caritas In Veritate**. 29 jun. 2009 Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html> Acesso em: 18 set. 2022.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2010.

BINGEMER, M. C. L. **Crer e dizer Deus Pai, Filho e Espírito Santo (algumas reflexões sobre a teologia trinitária hoje)**. Atualidade Teológica. Ano V, nº 9, Rio de Janeiro, 2001.

BNCC. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.

BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. 2 ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

BRASIL. **Lei nº 13.868 de 3 de setembro 2019**. Altera as Leis nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir disposições relativas às universidades comunitárias. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/L13868.htm>: Acesso em: 22 mar. 2023.

CALEGARI, C. A construção da BNCC. In: **BNCC na prática**. São Paulo, FTD, 2018.

CAPEs AREA 44. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

CARMEM, G.D.; RIGA, M. **Tecnologia da fé: 8 Apps que aproximam seguidores de suas crenças em tempos de isolamento social**. Forbes-Tech. 31 mai. 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/05/tecnologia-da-fe-8-apps-que-aproximam-seguidores-de-suas-crencas-em-tempos-de-isolamento-social/>>. Acesso em: 19 mar. 2022;

A CARTA A DIOGNETO. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARTHAGE C. **L'unité de l'église (De Ecclesiae Catholicae Vnitate)**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2013

CASTAGNO, A. M. In: DI BENARDINO, A. (org.). **Dizionario patristico e di antichità cristiane**. Casale Monferrato: Marietti, 1994, v. 2.

CELAM. **Documento de Aparecida**. [DA]. Brasília: Edições CNBB, 2008.

CESARÉIA, BASÍLIO DE. **Patrística**: Tratado sobre o Espírito Santo, Vol. 14. São Paulo: Paulus, 1998

CIEC. Disponível em: <<https://ciec.edu.co/>> Acesso em: 05 nov.2022.

CIEC. **Projeto educativo pastoral para a Escola Católica da América**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2018.

CIPRIANO DE CARTAGO. **Coleção Patrística** vol. 35/1. São Paulo: Paulus, 2016.

CIRILO DE JERUSALÉM. **Catequese Mistagógicas**. Tradução de Frederico Vier. Introdução e notas de Frei Fernando Figueiredo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1977.

CNBB. **Campanha da Fraternidade 2022**: Texto Base. Brasília: Edições CNBB, 2021.

CNBB. **Carta de Goiânia – Cremos na Educação**. 21 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/carta-do-xxi-encontro-nacional-da-educacao-denuncia-o-descompromisso-das-autoridades-com-a-educacao/>>: Acesso em: 22 out. 2022.

CNBB. **Quem somos: Setor educação**. 01 jan. 2008. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/quem-somos-setor-educacao/>>: Acesso em 05 nov. 2022.

CNBB. **Texto de trabalho**. 01 jun. 2022. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2022/06/E-Book_ENAPE_2022.pdf>: Acesso em: 08 ago. 2022.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2004.

CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. **A identidade da escola católica para uma cultura do diálogo**. Vatican.va. 25 jan. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20220125_istruzione-identita-scuola-cattolica_po.html#_ftnref7>: Acesso em: 23. out. 2022.

CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Educar hoje e amanhã: uma paixão que se renova. Instrumento laboris**. Vatican.va. 2014. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html#_Toc384723573>: Acesso em: 27. nov. 2022.

CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Educar ao humanismo solidário**. Vatican.va. 16 abr. 2017. Disponível: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html> : Acesso em 27 nov. 2022.

CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Educar juntos na escola católica. Missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos. Documentos para os seminários e as instituições de estudo.** Paulinas, 2008.

CONSTITUIÇÃO. **Dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina.** [DV] In: Concílio Vaticano II (1962 – 1965); Texto de *Vaticano II*: mensagens, discursos, documentos, traduzidos por Francisco Catão. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSTITUIÇÃO. **Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja** [LG] In: Concílio Vaticano II (1962 – 1965). Texto de *Vaticano II*: mensagens, discursos, documentos, traduzidos por Francisco Catão. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSTITUIÇÃO. **Pastoral Gaudium et spes sobre a Igreja no mundo de hoje.** [GS] In: Concílio Vaticano II (1962 – 1965). Texto de *Vaticano II*: mensagens, discursos, documentos, traduzidos por Francisco Catão. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSTITUIÇÃO. **Sacrossantum Concilium sobre a Sagrada Liturgia** [SC] In: Concílio Vaticano II (1962 – 1965). Texto de *Vaticano II*: mensagens, discursos, documentos, traduzidos por Francisco Catão. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório da Liturgia e da Organização da Igreja no Brasil.** Brasília: Edições CNBB, 2021.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **O sentido espiritual da liturgia.** Brasília: CNBB, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Teologia e Ensino.** Brasília: Edições CNBB, 2011.

D'ALEXANDRIA, Clement. **Le Pédagogue I.** Paris: Editions du Cerf. 1960.

DIACONATO EVOLUÇÃO E PERSPECTIVA. Vatican.va. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_pro_05072004_diaconate_po.html#CAP%C3%8DTULO_V>: Acesso em: 04.10.2022.

DICASTÉRIO PARA A CULTURA E EDUCAÇÃO. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/index_po.htm>: Acesso em: 27 nov. 2022.

DECLARAÇÃO, **Gravissimum educationis sobre a educação cristã.** [GE] In: Concílio Vaticano II (1962 – 1965); Texto de *Vaticano II*: mensagens, discursos, documentos, traduzidos por Francisco Catão. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

DECRETO, **Unitatis redintegratio sobre o ecumenismo.** [UR] In: Concílio Vaticano II (1962 – 1965); Texto de *Vaticano II*: mensagens, discursos, documentos, traduzidos por Francisco Catão. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

FABER, E.M. In: LACOSTE, J.Y. (Org). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral**. Vatican.va. 1 out. 2014. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20141001_udienza-generale.html>. Acesso em: 10 de set.2022.

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica *Laudato Si'* do Santo Padre Francisco: sobre o cuidado com a casa comum**. [LS] São Paulo: FTD, 2016.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco aos participantes na conferência internacional das associações de empresários católicos (UNIAPAC)**, 17 de nov. 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/document_s/papa-francesco_20161117_conferenza-uniapac.html>. Acesso em 17 de mar. 2022.

FRANCISCO, PP. **Discurso: Encontro “Religiões e Educação: Pacto Educativo Global”**. 05 out. 2021. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.html>> Acesso em: 22 mai. 2022.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica: *Evangelii Gaudium*, A Alegria do Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica: *Gaudete et Exsultate*, Sobre a chamada à santidade no mundo atual**. Vatican.va, 19 mar. 2018. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html#_ftnref10>: Acesso em: 27 nov. 2022.

FRANCISCO, PP. **Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do pacto Educativo Global**. Vatican.va. 12 set. 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html> Acesso em: 16 ago. 2022.

FRANCISCO, PP. **Papa Francisco: enfrentar a cultura do descartê com a fraternidade humana**. Vatican News, 07 out. 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-entrevista-revista-il-mio-papa-espanhol-pandemia.html#:~:text=Para%20o%20Papa%2C%20como%20sociedade,de%20ter%20mais%20e%20mais.>>. Acesso em: 16 out. 2022.

FRANCISCO, PP. 2013. Disponível em: <https://twitter.com/pontifex_pt/status/403528682406297600>: Acesso: 01.11.2022.

FTD, **Manifesto pelo Pacto Educativo Global**. Disponível em: <<https://conteudoaberto.ftd.com.br/home-professor/conteudos-formativos/ebooks/manifesto-pelo-pacto-educativo-global/>>: Acesso em: 16 ago. 2022.

FTD, **Podcast Integra Confessionais: O Pacto Educativo Global e o Meio ambiente**. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3w5Y7UvJFrO4iU7QwSvzFF?si=Ayl0ZWfeQs_q9CGbGZeQT3g&utm_source=whatsapp>: Acesso em 07 mar. 2022.

GARRONE, G.M. **A escola católica**. Vatican.va. 19 mar. 1977. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html>: Acesso em 27 nov. 2022.

GREGÓRIO MAGNO. **Patrística**. Regra pastoral. São Paulo: Paulus, 2010.

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio**. CORDEIRO, J.L. (Org. e trad.). Fátima: 2015.

HERMAS. **Patrística**: Padres Apostólicos. vol. 1 São Paulo: Paulus, 1995.

HILÁRIO DE POITIERS. **Patrística**: Tratado sobre a Santíssima Trindade, vol. 22. São Paulo: Paulus, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Vozes Marista: ensaios sobre liderança profética e servidora**. Curitiba: Instituto dos Irmãos Maristas/Memorial Marista, 2022.

INSUELAS, J. B. L. **Curso de Patrologia: história da literatura antiga da Igreja**. Braga, 1948.

JOÃO CRISÓSTOMO. **Das Homilias sobre o Evangelho de São João**. In: Liturgia das horas, vol. I.

JOÃO PAULO II, PP. **Diálogo entre as culturas para uma civilização do amor**. Vatican.va. 01 jan. 2001. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20001208_xxxiv-world-day-for-peace.html>: Acesso em: 10 fev. 2023.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação apostólica pós-sinodal. Vita Consecrata, sobre a vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo**. [VC], (1996). São Paulo: Paulinas, 1999.

JUSTINO DE ROMA. **Patrística** vol. 3. São Paulo: Paulus, 1995

LACOSTE, J., **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

LAGRAND, H. In: LACOSTE, J.Y. (Org). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

LÉCUYER, J. HEID, S. In: DI BENARDINO, A. (org.). **Dizionario patristico e di antichità cristiane. F-O**. Genova: Marietti, 2007.

LEITÃO, S.P.; SPINELLI, R. A. **Economia de comunhão no Brasil: a produção acadêmica em administração de 1991 a 2006**. RAP. mai/jun 2008. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rap/a/DQzxrLPMVXsX3tgmdz5FYjK/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 27 abr. 2022.

LITURGIA DAS HORAS. v. IV. Rio de Janeiro: Vozes. São Paulo: Paulinas/Paulus/ Ave Maria, 1999.

MACHADO, A. C. M. **Economia de comunhão: elementos para uma teoria organizacional**. Tese (Doutorado) – Pós-graduação em teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:<<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=9626@1>>. Acesso em: 27 abr. 2022.

MURAD, A. **Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta**. 5 ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

NOCENT, A. In: DI BENARDINO, A. (org.). **Dizionario patristico e di antichità cristiane. F-O**. Genova: Marietti, 2007.

OLIVEIRA, L.L.S.; NETO, G.B. **A teoria do mercado religioso: evidências empíricas na literatura**. REVER, São Paulo, jan/jun 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/20282/15058>>. Acesso em: 17 mar. 2022;

PAULO VI, Papa. **Populorum Progressio** Disponível em:<https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>. Acesso em: 23.04.2023.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

SALAMITO, J.M. In: LACOSTE, J.Y. (Org). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

SENRA, F. RIBEIRO, C. O. SAMPAIO, D. S. **Revisitando a experiência dos Programas Profissionais da área Ciência da Religião e Teologia/CAPES no Brasil**. Horizonte, Belo Horizonte, 2020. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/23249/17238>>.
Acesso em: 19 mar. 2022.

SHARKAR, M. **Moda religiosa ganha espaço no mercado fashion**. Forbes. 15 abr. 2019. Disponível em: <<https://forbes.com.br/negocios/2019/04/moda-religiosa-ganha-espaco-no-mercado-fashion/>>. Acesso em: 19 mar. 2022;

STERN, F. L. **A criação da área de avaliação ciências da religião e teologia na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**. Espaços, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/view/62>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

STUDER, B. In: DI BENARDINO, A. (org.). **Dizionario patristico e di antichità cristiane. A-E**. Genova: Marietti, 2006.

STUDER, B. In: DI BENARDINO, A. (org.). **Dizionario patristico e di antichità cristiane. F-O**. Genova: Marietti, 2007.

TEMPESTA, O. Cardeal Tempesta: **50 anos de consagração monacal**. Rio de Janeiro, 31 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-01/cardeal-tempesta-50-anos-de-consagracao-monacal.html>>. Acesso em: 02 fev. 2023.

VERONESI, L. B. **Forbes lista cinco pastores mais ricos do Brasil**. InfoMoney. 18 jan. 2013. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/forbes-lista-cinco-pastores-mais-ricos-do-brasil/>>. Acesso em: 19 mar. 2022;

VINEL, F. In: LACOSTE, J.Y. (Org). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

XXIII JOÃO, P.P. **Carta encíclica *Mater et magistram***, Vatican.va. 15 mai. 1961. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html>: Acesso em: 23 out. 2023.